



# GUIA METODOLÓGICO

## ENTRE RUAS...

---

*O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim:  
Esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa,  
Sossega e depois desinquieta.  
O que ela quer da gente é coragem.  
Ser capaz de ficar alegre e mais alegre no meio da alegria,  
E ainda mais alegre no meio da tristeza...*  
Guimarães Rosa

Do coração amoroso do Papa Francisco nasceu uma convocação que interpela todo o povo de Deus: a realização de um sínodo para traçar a trajetória da Igreja levando em consideração a participação das pessoas...

O desejo de Francisco na consulta sinodal não é simplesmente fazer estatísticas, produzir dados ou documentos, mas, como diz o documento preparatório, “fazer germinar sonhos, suscitar profecias, fazer florescer a esperança, estimular confiança, enfaixar as feridas, entrelaçar relações, ressuscitar uma aurora de esperança, aprender uns com os outros e criar um imaginário positivo que ilumine as mentes, aqueça os corações, restitua força às mãos”.

O guia Metodológico “ENTRE RUAS: UM JEITO DE CAMINHAR”, é fruto de uma escuta do povo da rua, dos agentes, da academia, das histórias, das lutas dos desafios e conquistas, com paciência, empatia; uma escuta feita com os ouvidos, a inteligência e o coração, que foi traçando o caminho do cuidado, do comprometer a vida e as mãos na missão.

Este instrumento de trabalho, construído em espírito sinodal, quer ser uma ajuda para a pastoral nesses tempos desafiadores em que cresce a População em Situação de Rua e aumentam as situações de perda e violação de direitos. O medo, a agressividade, o preconceito, a intolerância, o fechamento diante de quem pensa e de quem sente e vive de maneira diferente abrem na sociedade a ferida dolorosa da violência.

A escuta nos fez perceber que entre ruas há um jeito de caminhar, de partilha e poesia, de canto e de encanto, de amor, ternura compaixão, solidariedade e sonho de irmandade. Entre ruas se escuta o cantar que um outro mundo é possível; entre ruas, no caminhar vai se construindo a política do bem comum, a Justiça libertadora e emancipatória. Entre ruas é lugar de teimosia, de esperar, de cuidar da casa comum, da capacidade de indignar-se, pela revolução do coração.

Que o Espírito nos conduza no caminho. Não tenhamos medo. Continuamos entre ruas, ouvindo, aprendendo o jeito de caminhar. Sigamos esperançando...

**Dom José Luiz Ferreira Salles**  
Bispo de Pesqueira

## FICHA TÉCNICA

### ORGANIZAÇÃO

Bruno de Castro  
Felipe Marcelino  
Isabela Monteiro  
Maurício Soares

### COORDENAÇÃO

Maria Cristina Bove  
Sandra Sousa

### COLABORAÇÃO

Ivone Perassa  
Maria Antonieta da Costa Vieira  
Padre Mirim Borges  
Regina Maria Manoel  
Solange de Fátima Damião

### FOTOGRAFIA

Isabella Monteiro  
Arquivo Pastoral Nac. do Povo da Rua

### DIAGRAMAÇÃO

Bruno de Castro

### TEXTOS

Felipe Marcelino  
Maria Cristina Bove  
Maurício Melo

### REVISÃO

Cleisa M. M. Rosa  
Sandra Sousa

## PASTORAL NACIONAL DO POVO DA RUA

### COORDENAÇÃO

Ivone Perassa  
Regina Maria Manoel  
Solange de Fátima Damião

### CONSELHO

Christiane Morais Bastos  
Claudence Rodrigues Lopes  
Evania Cunha de Medeiros Silva  
Helena Gomes das Chagas  
Marlene Ferreira de Oliveira  
Tania Maria Ramos do Nascimento  
Waldirene Xavier Pinto

### ASSESSORIA

Jardel Lopes Neves  
Luiz Kohara  
Padre Marcos Augusto Brito Mendes  
Maria Antonieta da Costa Vieira  
Maria Cristina Bove  
Padre Francisco Júnior de Aquino  
Padre Mirim Borges

### CNBB

Dom José Luiz Ferreira Salles  
Bispo de Pesequeira  
Referência Pastoral Nacional do Povo da Rua

### ASSOCIAÇÃO NACIONAL DO POVO DA RUA

#### Presidente

Solange de Fátima Damião

#### Vice-presidente

Sócrates Emmanuel Pereira Pavon

#### Tesoureira

Sandra Maria Andrades

#### Conselho Fiscal

Antônio Carlos Basílio Vieira  
Claudence Rodrigues Lopes  
Emmanuele Araujo da Silveira  
Marislene Aparecida Nogueira

## APOIO

# SUMÁRIO

## PRIMEIRA PARTE

Um jeito de caminhar .....	4
1 • A terra grita por direitos.....	7
Olhando o contexto urbano.....	7
O planejamento urbano é para todos? .....	8
2 • De olho na política.....	9
E para pessoas em situação de rua e catadores de materiais recicláveis? .....	9
A política pública deve ser avaliada pelos resultados e não pelas intenções .....	10
3 • Povo da rua.....	12
A voz do povo: Vanilson Torres, Samuel Rodrigues e Cristina Bove.....	12
Afinal, quem é o povo da rua?.....	13
População de rua é fenômeno social ou problema individual? .....	15
4 • Povo de Deus.....	16
No coração de Deus, os pobres ocupam o lugar central.....	16
Ser igreja é ser Povo de Deus .....	16
5 • Pastoral Nacional do Povo da Rua.....	18
A missão da Pastoral Nacional do Povo da Rua.....	18
Os agentes se alimentam da mística do cuidado, da resistência e da esperança.....	19
Ser uma Pastoral “em saída” .....	20
A opção pelos pobres é um programa eclesial e missionário .....	21
Revisitando a caminhada .....	23
6 • Entendendo o Guia .....	27
No Horizonte.....	30
Notas e referências bibliográficas.....	32

## SEGUNDA PARTE

### FICHAS DOS SETE PASSOS METODOLÓGICOS

1	Organizando-se no coletivo
2	Conhecendo a realidade
3	Sendo presença e fortalecendo vínculos
4	Criando comunidade
5	Estimulando a dimensão político-social
6	Promovendo a articulação
7	Formando e sistematizando a arte do saber
Entrelaçando os passos: Celebrar a Vida	

## UM JEITO DE CAMINHAR

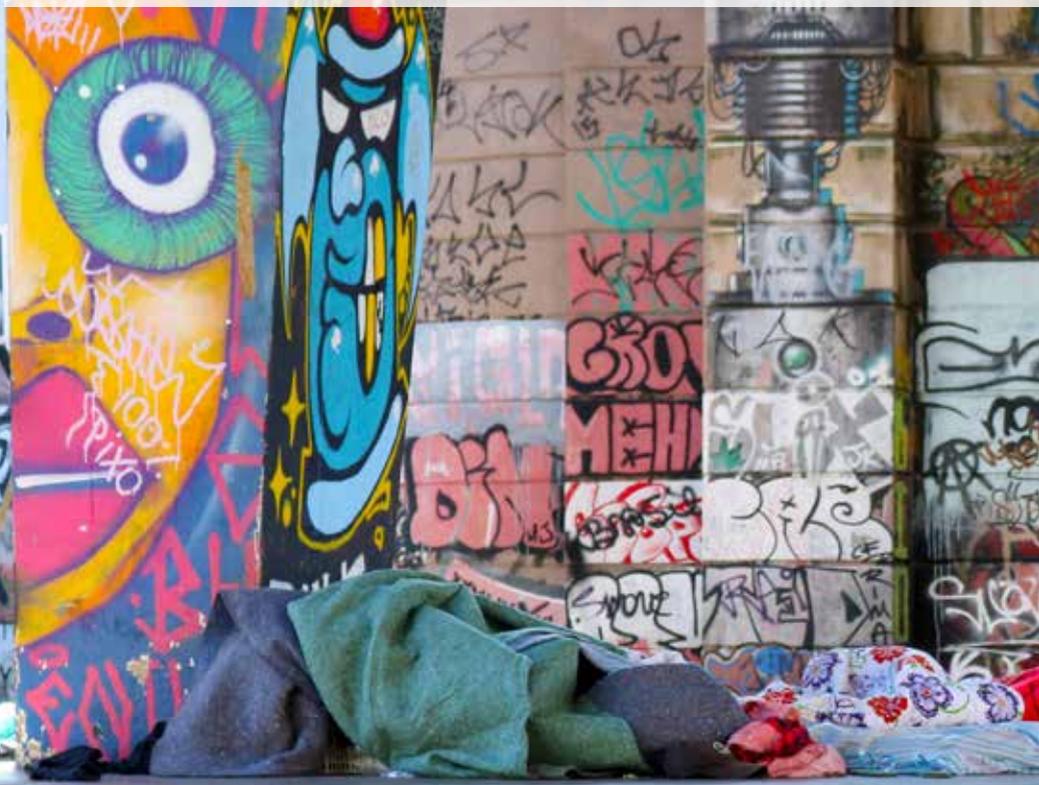
---

*Onde pisam os pés, a cabeça pensa e o coração ama.  
Ama o coração, pensa a cabeça. E os nossos pés pisam neste chão<sup>1</sup>*

Cantamos esse refrão em muitas rodas de conversa, sobretudo aquelas organizadas por movimentos populares. Ele nos convoca e nos põe a caminho para conhecer a realidade na qual vamos pisar e caminhar com clareza e discernimento e, antes de tudo, para amar aquilo que abraçamos.

Se fincarmos os pés na realidade, vamos, sem dúvida, ouvir melhor os clamores que ecoam do **chão da rua**, como também as respostas a serem construídas estarão mais firmes, a exemplo das rochas e das pedras. Se separarmos pés, cabeça e coração não haverá nem conhecimento verdadeiro, nem Pastoral e corremos o risco de ficarmos na metade do caminho.

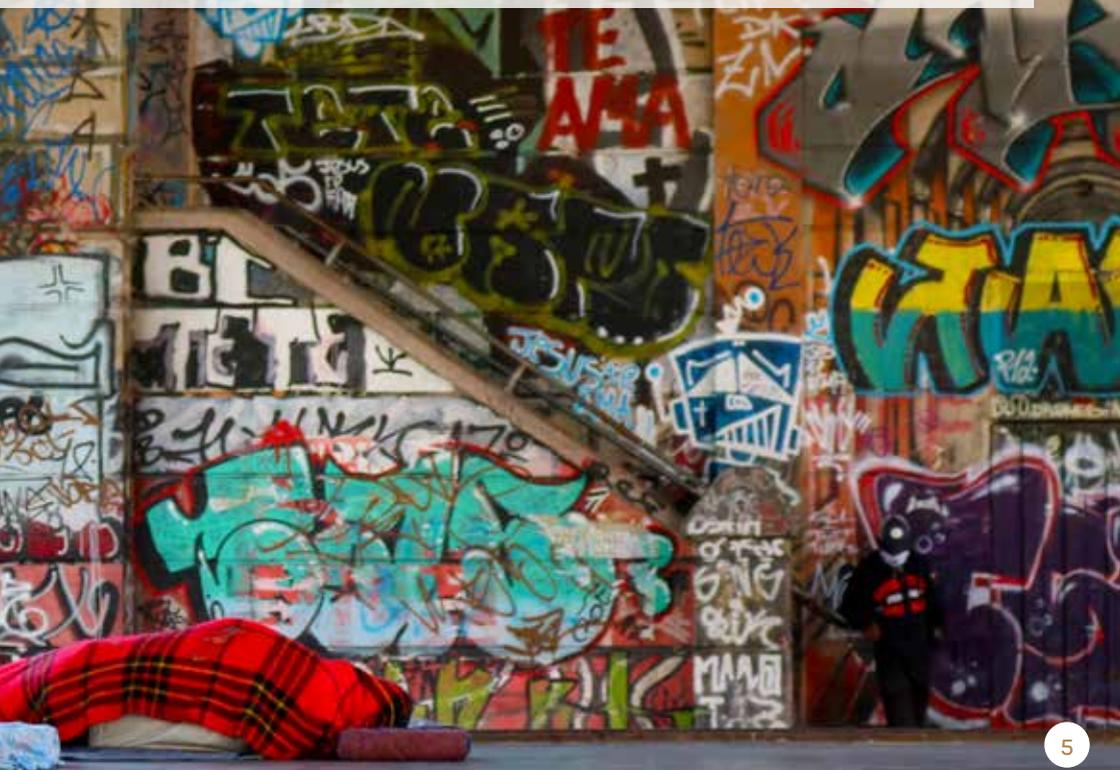
A integração mente, corpo e espírito está presente em várias tradições de pensamento, incluídas as orientais, a exemplo, de Thich Nhat Hanh, fundador da Ordem do Entre-Ser. Esse monge budista apresenta uma maneira de pensar a pedagogia que coloca em evidência a importância da integração mente



e mundo, interior e exterior e reconhece que não há separação entre eles: “Se olharmos profundamente para dentro da nossa mente, vemos ao mesmo tempo profundamente o mundo. Se compreendemos o mundo, compreendemos a nossa mente”.<sup>2</sup>

Essa dimensão holística inspira a conexão entre todos nós que acreditamos ser fundamental para a celebração e a construção de nossa **Casa Comum**. Tudo está estreitamente ligado! Papa Francisco partilha o sonho de cuidar dessa casa: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo [...] que a Pastoral em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade”.<sup>3</sup>

O padre Joseph Cardin, bispo belga, ao ver a dura realidade dos jovens operários da sua cidade, nos anos 1950, desenvolveu o método Ver-Julgar-Agir para conhecê-los em profundidade e ajudá-los na solução de seus problemas. No Brasil, amplamente utilizado por diversos grupos ligados à CNBB e por uma variedade de outros grupos e movimentos. Esse método contribui na nossa ação e nos ajuda a avançar na caminhada junto ao povo da rua e catadores de materiais recicláveis.



À luz desse método, nossa prioridade é conhecer a realidade que nos rodeia, aprender a julgá-la e buscar pistas para a ação, sem nunca se esquecer de deixar o coração falar. É um convite que nos anima e interpela para que a ação cotidiana seja mais assertiva.

A única certeza da Pastoral sempre foi o desejo de se aproximar do povo da rua com respeito, amizade e sinceridade, de fortalecer os vínculos, de apoiar expectativas e demandas, de inventar e reinventar soluções, bem como, de acolhê-lo sem condicionamentos.

Sabemos que trilhar esse caminho é um processo permanente que pede agilidade, revisão de conceitos e, muitas vezes, nos convoca a abrir mão das teimosias. O que importa é não deixar de sonhar e nem deixar a esperança morrer!



# 1 • A TERRA GRITA POR DIREITOS

---

## OLHANDO O CONTEXTO URBANO

Historicamente, a ocupação do espaço urbano na sociedade brasileira não se deu de forma socialmente justa e inclusiva. Isso é consequência do sistema de acumulação do capital, no qual, desigualdade e segregação social manifestam-se de forma contundente, gerando uma parcela de população pauperizada sem moradia e/ou com precárias condições de vida, dentre outras tantas necessidades.

A relatora Especial da Organização das Nações Unidas (ONU) para o Direito à Moradia Adequada, Leilani Farha, nos fala sobre o percurso histórico em documento de 2015: “A rápida urbanização mundial deu lugar a uma surpreendente acumulação de riqueza para poucos, acompanhada de uma pobreza cada vez maior para muitos.”<sup>4</sup>

Uma das lógicas que expõe de forma explícita as contradições nas cidades é o grave **déficit habitacional**. Enquanto há imóveis fechados servindo à especulação imobiliária, um enorme contingente de pessoas acampa em espaços públicos por não ter onde dormir ou morar! Acrescenta-se ainda que o poder público, ao invés de incluir e defender os direitos da população em situação de rua, expulsa pessoas desses locais, por meio de ações higienistas com o objetivo de **limpar** a cidade, resultando, assim, numa nova exclusão que violenta a dignidade humana nas entranhas.

Desde os primórdios da história no Brasil, especificamente a partir da Lei de Terras (Lei n. 601, de 18 de setembro de 1850), a ocupação da terra abriu espaço para esse “mercado” e criou dificuldades para pobres escravizadas/os que não conseguiam mais comprar terra ou moradia. Tal lógica permanece, até hoje, tanto no campo como na cidade.

O **racismo estrutural** no país agrava a **desigualdade racial** atingindo a população em situação de rua com mortes e processos de exclusão. Vale lembrar que na pesquisa realizada em 2007/2008 pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome chega a mais de 67% a autodeclaração da cor parda/negra entre essa população.<sup>5</sup>

A lógica perversa se estende ainda ao **mobiliário urbano** com a criação de formas arquitetônicas diferenciadas para dificultar e, até mesmo impedir as pessoas de permanecerem na rua, às vezes, sequer sentadas. Arquiteturas de caráter hostil e segregador são frequentes, como colocação de pedras e/ou arames farpados nos baixios de viadutos, divisórias nos bancos, entre outras estruturas.

## O PLANEJAMENTO URBANO É PARA TODOS?

Estudiosos consideram que o contexto urbano cria **cidadãos de segunda classe** ou mesmo **não cidadãos**, o que gera uma invisibilidade cidadã na qual nenhum direito é respeitado. Nem o Censo do IBGE incluiu, até hoje, informações sobre a população em situação de rua.

As cidades prometidas como espaços democráticos e de inclusão, na realidade, são excludentes da grande maioria das/os que estão em situação de rua. Majoritariamente, os governantes promovem cada vez mais a desumanização do espaço urbano, precarizam e elitizam o conceito de bem público e excluem de forma sistemática aquelas/es que não têm onde morar.

Por sua vez, boa parcela da sociedade, ignorando a realidade social, assume as graves armadilhas do capitalismo, do individualismo e da meritocracia, o que restringe cada vez mais a possibilidade de ela enxergar a realidade e sair da inércia. Iludida, acredita que a vida pode melhorar, negando as causas econômicas e estruturais que impedem o acesso à moradia e ao trabalho de uma parcela excluída dessa sociedade, dentre outros direitos.



## 2 • DE OLHO NA POLÍTICA

---

*Quando o homem compreende sua realidade,  
pode levantar hipóteses sobre  
o desafio dessa realidade e procurar soluções.  
Assim, pode transformá-la e o seu trabalho  
pode criar um mundo próprio,  
seu Eu e as suas circunstâncias*  
Paulo Freire

### **E PARA PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA E CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS?**

A Constituição Federal de 1988 assegura uma série de direitos contemplados no Art. 1º. (incisos II e III); Art. 5º; Art. 6º e artigos 196º a 200º que garantem direitos sociais, dignidade e cidadania. Em 2009, no II Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua, realizado em Brasília, foi estabelecida e validada a proposta intersetorial da Política Nacional para a População em Situação de Rua, consolidada posteriormente, por meio do Decreto n. 7.053, de 23 de dezembro de 2009. O objetivo central é garantir a inclusão social das pessoas em situação de rua com oferta de programas, projetos, benefícios e serviços de atendimento por todos os municípios e estados. Esse decreto instituiu também o Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento (CIAMP-RUA), que, entre as atribuições, destaca o acompanhamento no desenvolvimento da referida Política.

Entre as garantias estabelecidas, destacamos: assegurar o acesso amplo às políticas públicas de saúde, educação, previdência, assistência social, moradia, segurança, cultura, esporte, lazer, trabalho e renda; proporcionar benefícios previdenciários, assistenciais e programas de transferência de renda e implantar centros de referência especializados para atendimento da população em situação de rua, no âmbito da proteção social especial do Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Importante foi o conceito definido no Art. 1º, parágrafo único, do Decreto: “[...] considera-se população em situação de rua, o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como, as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória”<sup>6</sup>

Vale destacar que o 1º Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis realizado, de 4 a 6 de junho de 2001, em Brasília, foi um marco inaugural da luta por políticas públicas. A partir da mobilização do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), em 2002, foi igualmente importante o reconhecimento do trabalho dos catadores, conforme informação publicada no portal do Ministério Público do Estado de Minas Gerais: “A profissão dos Catadores foi reconhecida na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) pela Portaria n. 397, de 9 de outubro de 2002, do Ministério do Trabalho, sob o Código n. 5.192-05. De acordo com a CBO, “[...] os Catadores de Materiais Recicláveis são profissionais que catam, selecionam e vendem materiais recicláveis. São profissionais que se organizam de forma autônoma ou em cooperativas e associações com diretoria e gestão dos próprios Catadores.”<sup>7</sup>

## **A POLÍTICA PÚBLICA DEVE SER AVALIADA PELOS RESULTADOS E NÃO PELAS INTENÇÕES**

Transcorridos treze anos do Decreto n. 7.053, não podemos deixar de citar alguns avanços vinculados à saúde, à geração de trabalho e renda com base na economia solidária e à promoção de debates sobre a moradia como política estruturante, porta de entrada para outras políticas.

Destaca-se, ainda, a importância da implantação do Centro Nacional de Defesa dos Direitos Humanos da População em Situação de Rua e Catadores de Materiais Recicláveis (CNDDH), em 2011, ano em que, pela primeira vez, foram iniciadas a coleta e a sistematização de dados e a metodologia de abordagem para atendimento, acompanhamento e monitoramento das violações contra a pop rua. Vale apontar também algumas conquistas, como as aprovações: da Resolução n. 40, de 13 de outubro de 2020, do Conselho Nacional dos Direitos Humanos, elaborada pelo GT Pop Rua do próprio conselho, e da recente Resolução n. 425, de 8 de outubro de 2021, advinda do Sistema Judiciário, definindo uma política judiciária específica para a população de rua.

Por sua vez, os catadores organizados em associações e cooperativas, em várias cidades brasileiras, conquistaram sucessivamente: o orçamento público para garantir infraestrutura física e para aquisição de equipamentos; a Lei Federal n. 12.305, de 2 de agosto de 2010, que orienta os municípios a incluírem cooperativas e associações de catadores nos contratos municipais de reaproveitamento de resíduos e a inclusão social e manutenção da renda quando houver recuperação dos lixões; e posteriormente, o Decreto Federal n. 7.404, de 23 de dezembro de



## 3 • POVO DA RUA

---

### A VOZ DO POVO

Convidamos Vanilson Torres e Samuel Rodrigues, protagonistas de suas histórias de vida, para nos falar sobre a situação de rua e também Cristina Bove que traz seu relato.

#### **Vanilson Torres do MNPR de Natal**

– Pra nós, população em situação de rua no Brasil, a rua é o **lugar**. Lugar que nos restou, lugar que nos **acolheu** mesmo sem haver acolhimento. Lugar em que muitas pessoas não resistiriam ou existiriam. A rua que grita e não é ouvida, a rua que é silenciada, a rua que é esquecida pelas gestões. A rua que fica nos abrigos, nas marquises, pontes, viadutos, a rua desprotegida contra a Covid-19! A rua que não tem endereço, endereço fixo, a rua que se move, se comove com a própria rua. A rua que se organiza dentro da desorganização social, se organiza para não ser exterminada, massacrada, deturpada e culpada por estar na rua.

Essa mesma rua onde estamos e que pessoas apressadas e desavisadas passam por nós, nos veem, mas não nos enxergam, e quando nos enxergam é pelo olhar do preconceito e da criminalização!

São muitas as pessoas que pela crise econômica, sanitária e política, estão indo parar justamente nas ruas, mostrando e comprovando que quem está nas ruas é a classe trabalhadora deste país.

Como a rua é surpreendente, como ela nos ensina! Ela às vezes é uma escola, e outras vezes é Má/drasta. A rua, que de certa forma alimenta o mundo, seja a fome física, cultural ou capitalista. Assim é a rua, que pra muitas pessoas é só uma rua, mas pra nós população em situação de rua é o lugar onde vivemos, comemos, sofremos e lutamos! A rua que tem alma, a alma das ruas, os espíritos das ruas. A rua resiste, respira, existe, reexiste e é resiliência!

#### **Samuel Rodrigues de Belo Horizonte descreve no seu poema de forma mais direta, sem rodeios**

– São sujos. São feios. São pobres. São algo no meio. São escórias no mundo. São restos de gente. São massas falidas. São desajustados e amaldiçoados. Apontados como doentes. São alvos da crítica. Enfrentam a polícia. São mulas humanas. Sobrevivendo ao caos e às leis urbanas. São gente nojenta. Que não tem etiqueta. Não sabe falar. Nem usar caneta. Mas declama seus versos com a ajuda da lua. São gente da gente, que vive na rua.

## Vida sagrada, violentada e ferida – Cristina Bove

– Retrato da vida, do contexto e do sentimento. Retratos de homens, mulheres, pessoas LGBTQIA+, jovens, crianças, idosos; retrato de um grupo heterogêneo formado por indivíduos que **existem, resistem, reexistem**, e poderíamos acrescentar: **insistem em sobreviver**. Ultrapassam as turbulências e correrias do cotidiano das cidades, das diferenças regionais e culturais. Essas pessoas têm em comum a rua, a pobreza extrema, a ausência de políticas públicas. São vítimas de um sistema que as descartam.

Nesta semana, vimos a chegada do “caveirão”, como é chamado o transporte funerário. Washington, morto sobre um colchão sujo e todo rasgado, vítima de doença sem diagnóstico, em menos de dois minutos foi colocado numa maca de lata, sem nome, sem documento. Seus amigos fizeram a roda e ajudaram a colocar seu corpo na viatura. O adeus silencioso e doído ecoou no silêncio do asfalto, a partir da única política pública a que teve direito: retirar o corpo do asfalto! É a vida, dom maior concedido por Deus, violentada e ferida. É o Sagrado que habita em cada pessoa, sendo profanado, desrespeitado. É a vida que pulsa nas ruas e resiste a todo extermínio. Vivem nas praças, ruas, calçadas, sob marquises, viadutos, no trecho, albergues públicos, em lotes vagos, prédios ou em construções ociosas. São pessoas que subsistem com pouca ou nenhuma renda e exercem diversas atividades informais para garantir sua sobrevivência.

## AFINAL, QUEM É O POVO DA RUA?

O “Relatório Final do Primeiro Censo Nacional e Pesquisa amostral sobre a população em situação de rua” – estudo realizado pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome, entre 2007 e 2008 – aponta que a imensa maioria dos que vivem nas ruas são homens (82%); destes, os jovens representam 15,3% na faixa etária dos 18 aos 25 anos e 28% entre 25 a 34 anos. Dentre as mulheres (18%), existe uma concentração maior nas faixas de 18 a 34 anos, somando 52,2%, para 43,3% de homens, nessa mesma faixa etária.<sup>8</sup>

Quanto à cor de pele, de acordo com o relatório final do Primeiro Censo: “[...] 39,1% se autodeclararam pardos; 29,5% brancos e 27,9% pretos.<sup>9</sup> O Censo do IBGE de 2010 apontou alterações na composição da cor ou raça declarada no Brasil. “Registrou-se uma redução da proporção de brancos, que em 2000 era 53,7% e em 2010 passou para 47,7%, e um crescimento de pretos (de 6,2% para 7,6%) e pardos (de 38,5% para 43,1%). Sendo assim, a população preta e parda passou a ser considerada maioria no Brasil (50,7%)”.<sup>10</sup> Levando-se em conta a população em situação



de rua, se usarmos o mesmo método, a representação negra é de 67%, bem mais alta que a sua representação na população brasileira, conforme já apontado.

Grande parte da pop rua (70,0%) exerce uma atividade com remuneração da chamada economia informal, na qual não há trabalho fixo nem contratação oficial e/ou carteira assinada. “Destas atividades destacam-se catador de materiais recicláveis (27,5%), flanelinha (14,1%), construção civil (6,3%), vendas (5,8%), limpeza (4,2%) e carregador/estivador (3,1%).<sup>11</sup> [...] A maioria dos entrevistados (58,6%) afirmou ter alguma profissão<sup>12</sup>, e já a exerceram, o que nos leva a afirmar que são trabalhadores e foram excluídos do mercado formal de trabalho.

Dados do Ministério da Cidadania indicam que, no mês de junho de 2020, 145.448 famílias em situação de rua estavam inscritas no Cadastro Único.<sup>13</sup> “Segundo o Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a população em situação de rua, plataforma de direitos humanos do Programa Polos de Cidadania da UFMG, em dezembro de 2021, havia quase 160 mil pessoas nesse grupo registradas no CadÚnico em todo o Brasil”.<sup>14</sup> O Observatório estima uma subnotificação de 45 a 50% nesse número.

Apesar da ausência de dados mais precisos, é possível afirmar que tem havido um aumento expressivo da população em situação de rua no Brasil na última década. Estudo produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) aponta para um crescimento de 140% entre 2012 e 2020, estimando para março de 2020 um total de 221.869 pessoas em situação de rua no país.<sup>15</sup>

## POPULAÇÃO DE RUA É FENÔMENO SOCIAL OU PROBLEMA INDIVIDUAL?

Muitas vezes a ida de pessoas para a rua é atribuída exclusivamente a fatores individuais associados ao uso de álcool e drogas, conflitos com a família e até mesmo escolha pessoal. No entanto, a dimensão que o problema tem assumido – com presença crescente de pessoas vivendo nas ruas em vários tipos de sociedades e culturas –, aponta para a existência de determinantes que vão além de razões pessoais, mais relacionados a questões estruturais da sociedade como ausência de moradia, inexistência de trabalho e renda e mudanças econômicas e institucionais.

Esses determinantes estruturais combinam-se com fatores biográficos que estão ligados à história comum de vida de cada indivíduo, tendo peso expressivo a rupturas de vínculos familiares, doenças mentais, consumo abusivo de álcool e outras drogas, infortúnios pessoais como morte de componentes da família, roubo de todos os bens, fuga do país de origem, para citar somente alguns, conforme Silva.<sup>16</sup>

Segundo Kohara, apesar da diversidade que perpassa as pessoas em situação de rua, **todas/os têm em comum** o fato de serem vítimas da exclusão e da negação de direitos em uma sociedade na qual são consideradas **descartáveis** (para a economia e o mercado), **desprezíveis** (do ponto de vista da ideologia dominante) e **irrecuperáveis** (na lógica social).<sup>17</sup>



## 4 • POVO DE DEUS

---

### NO CORAÇÃO DE DEUS, OS POBRES OCUPAM O LUGAR CENTRAL

Toda essa população com suas diversidades e elementos comuns torna-se um povo: o povo da rua, que compartilha das mesmas dores, das mesmas lutas e quer viver! A Pastoral compreende a caminhada do povo da rua como uma caminhada de organização e libertação rumo a uma terra de justiça e paz, onde haverá fartura e fraternidade.

O livro do Êxodo nos mostra um Deus que age na história como libertador: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa de seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel” (Êxodo 3,7-8b). O povo de Deus caminhou no deserto em busca de sua libertação!

Ver, enxergar com verdade, ouvir, conhecer, ir ao encontro, convocar, fazer o caminho são verbos que caracterizam a ação libertadora do Deus da Vida na caminhada do seu povo. Nosso Deus não é um Deus distante, indiferente. Ele assume a luta do seu povo e convoca outros para ajudá-lo na missão.

Ele mesmo se fez um entre os pobres para demonstrar a todos, o valor da humanidade. Jesus não só se identificou com eles mas foi além: vestiu-se de pobreza, abraçando-a, pois nasceu entre os pastores, caminhou entre pescadores, cuidou dos doentes, acolheu e socorreu os vulneráveis, criou relações de amor e amizade. É o mesmo Jesus que se encarnou na história humana e forma comunidade, denunciando estruturas de injustiça, estando até hoje no meio do povo da rua.

Falar do Povo da Rua e do Povo de Deus é fazer essa trajetória pelas ruas e becos das cidades, entre praças e marquises, encontrando rostos que escondem vidas machucadas, violentadas, discriminadas, mas que querem viver e, como qualquer ser humano, desejam ter sua dignidade reconhecida e potencializada.

### SER IGREJA É SER POVO DE DEUS

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pela realização do Concílio Vaticano II e das Conferências Latino-Americanas, eventos que assumiram a opção preferencial pelos pobres, redescobrimo o Deus libertador nas

situações de desemprego, doenças, indiferença, violência, exploração e outras tantas formas de degradação da dignidade humana. Assim, a Igreja estruturou uma nova dimensão eclesial: **ser igreja é ser povo de Deus**. O Espírito Santo não fica mais confinado a uma única religião ou verdade, mas atua como semente que mobiliza e age na comunidade e na história do seu povo, transformando-as pelo Evangelho.

A **formação libertadora**, a **renovação da fé** e a **opção preferencial pelos pobres** são conceitos revisitados que direcionam, potencializam e se atualizam no contexto de cada comunidade. Em meados da década de 1970, no Brasil, quando a Igreja inicia a releitura da realidade e de forma corajosa se coloca ao lado dos empobrecidos, começam a surgir as pastorais sociais. Nasce inicialmente a Pastoral da Terra, depois o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e, sucessivamente, a CNBB, dando respostas concretas diante das diferentes realidades de sofrimento e injustiça nas quais o povo vive.

É importante destacar que são pilares das pastorais sociais: escutar o **clamor do povo**; assumir a **história de dor e de luta**, incluindo-a no contexto econômico e sociopolítico que a sociedade e aquele grupo populacional vivenciam (pescadores, operários, migrantes etc.) e apostar na **força e organização** do povo, inserindo-as na experiência histórica da ressurreição. Trata-se de assumir essa dor, conhecê-la, se solidarizar e juntas/os buscar caminhos de transformação dessa realidade. Cada Pastoral carrega em si a experiência pascal de morte/vida e de anúncio/denúncia de tantas situações de opressão e miséria.

Em 1979, o arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns, da Arquidiocese de São Paulo, pede que a Fraternidade das Oblatas de São Bento, que já desenvolvia sua missão na Organização de Auxílio Fraternal (OAF), realize o programa de Puebla no centro da cidade. Esse apelo direcionou a reforma institucional e o desenvolvimento de uma nova metodologia, que reconhece o **Povo da Rua como Povo de Deus** em busca de sua libertação. As irmãs da Fraternidade e leigas/os assumiram morar no centro: “[...] em casas simples, de fácil acesso, próximas umas das outras. Todas querem ser “portas abertas” que humanizem e criem laços mais permanentes e fraternos, formando a base para uma comunidade de vida”.<sup>18</sup> Um sentimento de união entre todas e todos começou a ecoar nas ruas e praças da cidade: “Na grande procissão que se fez no meio da cidade, anunciando e denunciando suas esperanças e direitos, junto à extensa lista dos mortos, o povo levava esta faixa, lema e resumo da caminhada: **Somos um povo que quer viver**”.<sup>19</sup>

## 5 • PASTORAL NACIONAL DO POVO DA RUA

---

*O povo tem uma alma, que canta e reza para ter oportunidade de viver*  
Papa Francisco

### A MISSÃO DA PASTORAL NACIONAL DO POVO DA RUA

A Pastoral Nacional do Povo da Rua, que tem a **MISSÃO** de ser presença fraterna e solidária junto à população em situação de rua e aos catadores de materiais recicláveis, reconhece e celebra os sinais de vida presentes em suas histórias, assumindo um compromisso concreto com elas, e desenvolve ações que transformem as situações de exclusão em projetos de vida para todas/os. Tem como **VISÃO** a perspectiva de luta e conquista de direitos de acesso à moradia, ao trabalho e à dignidade.

Vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Pastoral se organiza em equipes de agentes no território nacional, que se comprometem com a história e a vida do povo, se alimentando da mística do cuidado, da resistência e da esperança. Sua ação acontece e se relaciona com o contexto urbano. É nas ruas das cidades – cada vez mais excludentes – que essa população se encontra, e é no compromisso com sua vida que a missão acontece.

Ao longo dos anos de missão, de convivência fraterna e solidária, dos muitos aprendizados nos livros e no cotidiano da vida, a Pastoral desenvolveu uma metodologia que motiva a organização para ser um povo que defende, ama e luta pela vida.

O Papa Francisco, fazendo uma releitura dos desafios colocados após a pandemia, insiste que devemos recuperar as ações geradas na experiência da partilha pela sobrevivência, por meio da consciência de que somos parte de um povo, que tem uma história particular, busca dignidade, tem alma, canta e reza para ter oportunidade de viver até, muitas vezes, escondido entre jornais, papelão e cobertor. No seu livro “Vamos sonhar juntos”, nos recorda que a “[...] dignidade de um povo – mesmo do mais pobre, mais maltratado e escravizado – vem da proximidade de Deus. São o amor e a proximidade de Deus que lhe conferem dignidade e o levantam sempre, oferecendo-lhe um horizonte de esperança [...] a Igreja (aqui poderíamos dizer, a Pastoral) tem que caminhar como parte de um povo, servindo-o, sem tentar organizá-lo de modo paternalista, porque um povo se organiza a si mesmo”.<sup>20</sup>

A Pastoral é uma comunidade com muitos rostos e explicita essa verdade de inúmeras e diferentes maneiras de acordo com cada cultura, região e situação, mas o convite é comum: de sermos Povo de Deus.

## OS AGENTES SE ALIMENTAM DA MÍSTICA DO CUIDADO, DA RESISTÊNCIA E DA ESPERANÇA

A Pastoral Social da CNBB<sup>21</sup> nos convoca a dialogar com as diferentes dimensões da pessoa: humana, social, política, ambiental e eclesial, cujo denominador comum é o respeito e o reconhecimento da dignidade e a promoção do protagonismo. Ao iniciar a aproximação com a população de rua, ecoa em nós uma primeira indagação: **como resgatar a dignidade e o protagonismo** diante de situações tão desumanas e adversas a que estão submetidas/os? Tal situação desperta em nós uma variedade de sentimentos que vão desde a compaixão à indignação. O que importa sempre é sabermos acolher, compreender e desenvolver ações e posturas pautadas pela ótica do cuidado, da escuta amorosa e do respeito a cada sentimento.

No Canto da Rua Emergencial, projeto realizado durante a pandemia em Belo Horizonte, um dos slogans motivadores da convivência cotidiana tornou-se a máxima legenda da frente humanitária: **Todo mundo cuidando de todo mundo**, permitindo espontaneamente intensificar esse cuidado mútuo, que se coletivizou aos poucos. Acolher e cuidar passaram a ser **de, entre e com** todas/os, mostrando-se como ações políticas, por visar à construção de uma nova vida, pessoal e coletiva.

Anunciar a vida, sem esquecer de denunciar os mecanismos de exclusão e morte existentes nas ruas e nos serviços públicos, participando na elaboração e proposição de políticas públicas, a partir da defesa dos direitos constitucionais, nos motivam a assumir a dimensão transformadora da Pastoral Social. Viver na rua é uma constante violação de direitos e somam-se a isso o preconceito e a discriminação. Nem sempre se compreende o contexto vivido, atribuindo-se culpas, censuras, repreensões e até punições aos que vivem nas ruas. É recorrente ouvir, por exemplo, que: **o povo da rua vive na rua porque quer**. Legitimar essa narrativa de caráter superficial e imediatista, sem avançar no conhecimento e na autenticidade de cada afirmação, é ir na contramão da busca pela transformação social a que somos chamados a realizar. Banalizar narrativas não permite avançar na dimensão social transformadora. Como nos ensinou Papa Francisco, o que importa é escutar as histórias de vida **com o ouvido do coração**, e também, Paulo Freire: “[...] aprender a ler – conhecer a realidade, para em seguida poder reescrever – transformar – essa realidade”<sup>22</sup>

Ao falar na transformação, trazemos a ecologia humana e o sofrimento dos excluídos por não terem acesso aos bens naturais, como água, terra e alimentação saudável. Vivem no caos urbano e sofrem ainda com a poluição visual e

acústica. O deserto do asfalto nunca silencia nem escurece porque a cidade não para! O consumismo naturalizado pela grande mídia aprofunda a desigualdade social refletida na vida do povo sobrevivente do lixo que a sociedade joga fora. Para Ailton Krenak: “O modo de funcionamento da humanidade entrou em crise [...] Viramos adultos, estamos devastando o planeta, cavando um fosso gigantesco de desigualdades entre povos e sociedades. De modo que há uma sub-humanidade que vive numa grande miséria, sem chance de sair dela. Isso também foi naturalizado”.<sup>23</sup>

## SER UMA PASTORAL “EM SAÍDA”

Sintonizada no sonho do Papa Francisco, a Pastoral Nacional se propõe a ser uma Igreja “em saída”, promovendo a interlocução e a sensibilização de todas/os com o compromisso de:

Assumir uma **espiritualidade libertadora** por identificar que as pessoas em situação de rua formam **o povo da rua, o povo de Deus** – excluído e marginalizado. Ela nos convida a um compromisso cristão e humano na busca por justiça e vida, tendo em vista a realização do Reinado de Deus entre nós. Essa caminhada libertadora nos impulsiona a escutar a palavra de Jesus: **“Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância”** (João 10,10).

Desenvolver uma **metodologia participativa** que promova a vivência comunitária e o protagonismo dessa população, reconhecendo-a como sujeito da sua própria história, capaz de agir e interagir na sua realidade, ser agente de sua construção pessoal, social e política. Vale a velha e conhecida máxima de **fazer com** e não **fazer por**, desenvolvendo relações igualitárias e horizontais.

Buscar uma **transformação social** que incida nas estruturas políticas, sociais e econômicas corrompidas, garanta direitos constitucionais e estruturantes e contribua para a superação da vida nas ruas.

A Pastoral é convidada a estar “em saída”, atenta aos sinais dos tempos, buscando sempre ser mobilizadora de esperança e de transformação, que articula, organiza, movimenta, cria e recria na fraternidade e na participação.

## A OPÇÃO PELOS POBRES É UM PROGRAMA ECLESIAL E MISSIONÁRIO

Os efeitos da exclusão geram comprometimentos profundos na pessoa que envolvem: o **ser**, atingindo sua dignidade, autoestima e autorreconhecimento; o **estar**, por sofrer a inexistência de redes de pertença social; o **fazer**, por não desenvolver um trabalho socialmente reconhecido; o **criar**, pela dificuldade de empreender e assumir iniciativas coletivas; o **saber**, pelo limite de acesso à informação e ao ensino formal; o **ter**, pela ausência de rendimento e/ou pela dependência de intermediários que os exploram no preço e no trabalho escravo. Todos são verbos que indicam movimento e criam contingência de mudança, mas evocam situações de perda, impotência e desamparo para a população de rua.

Segundo Paulo Sergio Leme, inserir-se na realidade consiste em entrar nessa reflexão e abrir horizontes para romper com o círculo vicioso que os mantém na situação de marginalidade.

Uma das fortes características que marcam as estruturas do mundo globalizado é a presença de novos rostos que se apresentam como sujeito de direitos. Novos, não por uma realidade recentemente concebida, já que resultam de uma estrutura historicamente situada, mas sim, por terem superado o alto grau de invisibilidade que profundamente suprimia sua identidade e por exigirem cada vez mais concretas a sua existência mediante uma atenção nunca antes recebida. São homens e mulheres existencialmente feridos pela fome e pela dor e que vivem nas ruas das grandes cidades, pela angustia e que migram em fuga, pela doença, pela dependência e pelo encarceramento aos quais Jesus em seu ministério proclama ter sido enviado para anunciar a Boa-Nova e pelos quais a missão tem por tarefa primária atender.<sup>24</sup>

Desse modo, acreditamos que alguns pressupostos são imprescindíveis para nos orientar no processo de inserção, defesa e reconhecimento da dignidade das pessoas em situação de rua:

- Promover o exercício da cidadania, enquanto sujeito social com direitos a serem respeitados, não fazer **para**, mas fazer **com** eles;
- Cuidar da subjetividade, reconhecendo a individualidade/singularidade e entender a pessoa com desejos, aspirações, necessidades e capacidades;
- Incentivar o protagonismo, enquanto sujeito coletivo capaz de transformar, se associar e reivindicar;

- Abraçar a equidade para ser capaz de ser justo diante das situações e necessidades específicas, que precisam ser atendidas, seja por políticas públicas ou pela própria Pastoral;
- Assumir o princípio da universalidade no sentido de dar acesso irrestrito de todas/os aos serviços públicos;
- Acolher a fé que anima cada pessoa respeitando seu sentimento e crença religiosa.

É comum ouvir entre os agentes que a experiência de inserção na realidade da pop rua, a partir de uma dimensão transformadora, trouxe outra visão do mundo e da vida. Mergulhar nessa realidade atinge nossa cabeça, pés e coração! É preciso estar aberto para a novidade desse encontro! Para fortalecer nossa caminhada é bom saber o que disse Papa Francisco: “[...] recordar-se dos primeiros cristãos e de tantos irmãos que, ao longo da história se mantiveram transbordantes de alegria, cheios de coragem, incansáveis no anúncio e capazes de uma grande resistência ativa”.<sup>25</sup>



## REVISITANDO A CAMINHADA

Pensar no percurso realizado pela Pastoral Nacional nos remete a pensar na caminhada feita pela Fraternidade das Oblatas, que, desde sua origem nos anos 1950, iniciou o caminho de inserção no meio do povo sofrido no centro da cidade. A seguir, introduzimos em paralelo a realidade econômica, política e social de cada década, visto que a história da Fraternidade foi pautada sempre pela busca de respostas à realidade, adequando metodologias a ações diferenciadas.

A partir de **1950**, o processo de industrialização e urbanização das cidades provocou o aumento do êxodo rural, motivado pela busca de empregos e melhores condições de vida, sendo o principal destino a cidade de São Paulo, centro do desenvolvimento econômico nacional. Esse processo de mudança para os grandes centros urbanos provocou, entre outras coisas, crescimento desordenado das cidades, desemprego e, em consequência, aumento de um contingente de pessoas em situação de vulnerabilidade social, vivendo nas ruas. Diante desse fenômeno, a Organização do Auxílio Fraternal (OAF) – fundada por Dom Ignácio de Lezama (OSB), em 1955, reunindo leigas/os comprometidos com essa realidade – e as Oblatas da Fraternidade de São Bento iniciaram ações de ser presença junto a essa população excluída em São Paulo e Recife.

Entre as **décadas de 1960 e 1970**, realizaram-se o Concílio Vaticano II (1962-1965) e as Conferências Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979), oferecendo uma nova dimensão para caminhada da Igreja. Nessa perspectiva, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) produziram forte movimento de renovação da ação pastoral da Igreja, bem como, na América Latina, afirmou-se a **opção preferencial pelos pobres**. Em 1979, é quando Dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, faz o convite: “Ponham Puebla no centro da cidade”. Foi o início da organização de uma ação pastoral, sendo presença com caráter social transformador.

Assim, no início da **década de 1980**, à luz dessa espiritualidade libertadora, as oblatas e os grupos de leigas/os se inseriram em áreas distintas da região central de São Paulo, divididas em quatro equipes. O objetivo era fortalecer a presença junto ao povo, estreitar os vínculos e construir comunidades de fé, vida e missão, nas quais essa população pudesse vir e, a partir da convivência e do diálogo fraterno e horizontal, buscar soluções para os problemas comuns.

Entendendo esse fenômeno como nacional e frente à necessidade de expandir a atuação para outros centros urbanos, em 1987, algumas oblatas vão a Belo Horizonte (MG) a fim de difundir sua metodologia de trabalho. Dessa forma, funda-se a Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte.

A percepção de que muitas pessoas em situação de rua encontravam na cação de materiais recicláveis a forma de sobrevivência, e atuavam de maneira precária e sem organização, direcionou o trabalho para a criação de duas entidades. Inicialmente, em São Paulo, em 1989, a Cooperativa de Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis em São Paulo (COOPAMARE) e, no ano seguinte, em Belo Horizonte, a Associação dos Catadores de Papelão e Material Reaproveitável (ASMARE).

Nesse contexto, na **década de 1990**, foram intensificadas ameaças de privatização da coleta de materiais recicláveis, algo que impactaria a vida das/os catadoras/es e das associações e cooperativas existentes. Assim, inicia-se uma articulação nacional, a partir do 1º Encontro Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, em 1999, que posteriormente impulsionou a realização do 1º Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, em 2001, em Brasília. Desde então, organiza-se o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). O destaque desse Congresso foi a realização da 1ª Marcha de Catadoras/es com participação ativa da população de rua, vinda de várias cidades do país para esse fim.

Ainda, em 2001, inicia-se a articulação da Pastoral Nacional, a partir de um encontro reunindo grupos e agentes da Pastoral de Rua das cidades de Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro, além de integrantes da capital mineira com representação da CNBB. Nesse mesmo ano, a Pastoral passa a integrar a Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz da CNBB.

Alguns anos depois, em 2004, o país é impactado por uma tragédia que ficou conhecida como o **Massacre da Sé**, onde sete pessoas em situação de rua foram brutalmente assassinadas na Praça da Sé, em São Paulo, e nenhum suspeito foi preso ou indiciado pelos crimes. Movidos pela indignação e em resposta ao



ocorrido, além de atos públicos e acompanhamento das investigações, a Pastoral apoiou uma articulação nacional e, em 2005, nasce o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR), em Belo Horizonte e São Paulo.

Esse massacre mobilizou a feitura e a entrega de um documento ao Ministério de Desenvolvimento Social, que culminou na elaboração da Política Nacional da População em Situação de Rua, estabelecida pelo Decreto n. 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Decorrente dessa lei, a Pastoral participou diretamente da criação do Centro Nacional de Defesa dos Direitos Humanos da População em Situação de Rua e dos Catadores de Materiais Recicláveis (CNDDH) e realizado em parceria com o MP/MG, a CNBB e os movimentos nacionais respectivos da Pop Rua e dos Catadores. Foi um momento importante de denúncia das violações dos Direitos Humanos dessa população.

Na **década de 2010**, a Pastoral inicia um processo de organização interna com a criação de sua sede em Belo Horizonte, realizando uma série de atividades. Entre elas, citamos a elaboração dos Princípios e Diretrizes da Pastoral, o reconhecimento como Organismo da CNBB, que confirma Dom José Luiz Salles, como Bispo de Referência, pois ele já acompanhava a Pastoral havia mais de cinco anos. Assim, com o intuito de trazer luz a temas específicos e qualificar a ação dos agentes pastorais em todo o país, deu-se início a realização de assembleias nacionais. Dessa forma, em 2012, o tema foi “Povo da Rua, Povo de Deus”, em Belo Horizonte. Em 2015, em Aparecida: “O Povo da rua nas fronteiras da cidade – Não havia lugar para ele” (Lucas 2,7). Nessa assembleia foi lançada a Campanha pelo direito à cidade e à moradia: “Chega de omissão, queremos habitação!” Em 2018, no Recife: “Meu povo habitará em moradia digna, lugar seguro e viverá com a justiça e na paz” (Isaias 32). Todas as assembleias contaram com ampla participação dos movimentos nacionais de rua e dos catadores.

Na **década de 2020**, o mundo foi surpreendido pela pandemia da Covid-19, que atingiu diretamente a população em situação de rua, de forma ainda mais grave, pela ausência completa de medidas de atendimento às necessidades e de prevenção. Uma vez que o comando era “fique em casa”, as pessoas sem moradia viram-se expostas à contaminação, isoladas e sem recursos para enfrentar essa determinação. Rapidamente, a Pastoral Nacional articulou e impulsionou diversas ações por todo o país e, em Belo Horizonte, apoiou a iniciativa do Canto da Rua Emergencial, que permitiu não somente proteção e cuidado, como divulgação da grave situação em que a população se encontrava.

Reconhecemos que a caminhada foi de lutas, presença e história, se construindo e se fazendo junto aos agentes pastorais, parceiros, companheiros e, principalmente, pelo e com o povo da rua e catadores.



## ENTENDENDO O GUIA

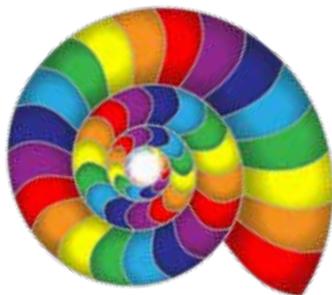
Metodologia é baliza, guia, caminho, modo de aproximação, jamais receituário de certezas e verdades. Baseia-se em fundamentos que orientam ações e procedimentos utilizados para se chegar aos objetivos.

No caso da Pastoral do Povo da Rua, a metodologia para os agentes pastorais inicia-se com o aprofundamento da Missão, seus Princípios e Diretrizes. Ela é participativa e os Passos da Caminhada não representam um processo feito em etapas, pelo contrário, é dinâmico, assim como a vida. Nesse ponto, sugerimos substituir a ideia de linearidade pela de espiral, que nunca passa pelo mesmo ponto, mas pouco abaixo ou pouco acima. A partir dessa leitura e compreensão, apresentamos os Passos, em lâminas separadas, para colaborar na condução das ações, visando a participação protagonista do povo da rua, em que articulações e saberes agregam novos conhecimentos e práticas.

LÂMINA	TEMA
1	Organizando-se no coletivo
2	Conhecendo a realidade
3	Sendo presença e fortalecendo vínculos
4	Criando comunidade
5	Estimulando a dimensão político-social
6	Promovendo a articulação
7	Formando e sistematizando a arte do saber
Entrelaçando os passos: Celebrar a Vida	

Dentro dessa imagem espiral, elencamos uma concha marítima, chamada “náutilus”, formada de várias partes, sendo cada uma, apesar de parecida com a outra, diferente, que se expande, cria movimento e profundidade, desdobrando-se sobre si mesma e formando uma concha cada vez maior.

Então, como recurso pedagógico, propomos uma espiral em formato de concha, na qual cada parte é um dos passos da metodologia, formando as sete cores do arco-íris, reconhecido como a aliança do amor de Deus com mulheres e homens. A união de todas as cores forma a cor branca,<sup>26</sup> a oitava cor, que simboliza o entrelaçamento de todos os passos para Celebrar a Vida e o Reinado de Deus.



Os verbos nos títulos de cada passo estão no gerúndio, expressando uma ação que nos leva à ideia de progressão. As oito lâminas do Guia podem ser abordadas em ordem numérica ou aleatória; cada qual apresenta um conteúdo pertinente aos Passos da Caminhada.

Em seguida, explicamos os objetivos dos tópicos.



## O CHÃO

---

Busca apresentar os contextos do povo da rua. A ação pastoral acontece no chão de uma realidade, cujo desafio é conhecê-lo e adentrar nele para construir a caminhada.

## TRILHANDO O CAMINHO

---

As trilhas são caminhos estreitos, repletos de obstáculos, por isso, esse Passo torna-se um convite para trilhar o caminho, desbravar e avançar! É desenvolvido com conteúdos, explicações e referências. Não se pretende esgotar o assunto e, sim, provocar novos conceitos e descobertas. Fazer trilha é estimulante e nos desafia.



## HISTÓRIAS DA CAMINHADA

---

São muitas as experiências vividas e os caminhos percorridos. Partilhar algumas dessas histórias entre nós enriquece a caminhada. Podemos nos conhecer melhor, pois sabemos que não estamos sós. A partilha nos aproxima!

## PÉ NA ESTRADA

---

É hora de agir, colocar o pé na estrada. Para isso, algumas dicas, sugestões e possibilidades são sempre bem-vindas. Concretizar e materializar conteúdos objetivam este percurso.



## CUIDANDO DA CAMINHADA

---

Finalmente, trazemos arte, poesia e oração para avivar nossa jornada e nosso coração. É a Vida que pulsa e insiste em sobreviver!



## NO HORIZONTE

Aqui, você encontrará algumas referências bibliográficas básicas para aprofundamento. O objetivo é estender a compreensão de conteúdos relevantes transversais ou diretamente ligados aos temas abordados neste guia. É bom sempre ampliar os horizontes e enxergar mais longe!

BERCLAZ, Márcio Soares; ROLLO, Sandro Cavalcanti. A moradia e o direito das pessoas em situação de rua à espera de instituições sensíveis: o que o Ministério Público e o poder judiciário têm a ver com isso? In: GRINOVER, Ada Pellegrini; ALMEIDA, Gregório Assagra de; GUSTIN, Miracy; LIMA, Paulo César Vicente de; IENNACO, Rodrigo. (Orgs.) *Direitos fundamentais das pessoas em situação de rua*. Belo Horizonte: D'Plácido Editora, 2014. p. 675-704.

BOVE, Maria Cristina; FIGUEIREDO, Gladston. A política nacional para a população em situação de rua: processo e participação. In: GRINOVER, Ada Pellegrini; ALMEIDA, Gregório Assagra de; GUSTIN, Miracy; LIMA, Paulo César Vicente de; IENNACO, Rodrigo. (Orgs.) *Direitos fundamentais das pessoas em situação de rua*. Belo Horizonte: D'Plácido Editora, 2014. p. 421-437.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. *É possível Housing First no Brasil?: experiências de moradia para população em situação de rua na Europa e no Brasil*. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Brasília: MMFDH, 2019.

BROIDE, Emília Estaivalet; BROIDE, Jorge; SCHOR, Sílvia Maria (Coords.). *População em situação de rua: pesquisa social participativa e censo, perfil demográfico e condições de vida na cidade de São Paulo*. Curitiba: Editora Juruá, 2018.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editoras 34; Edusp, 2000.

CARPANEDO, Penha. *Ofício Divino das Comunidades*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2018.

CNDDH. Centro Nacional de Defesa de Direitos Humanos da População em Situação de Rua e Catadores de Material Reciclável. *Relatório das denúncias em 2017 – Brasil*. Brasília: CNDDH, abr. 2018. Mimeografado.

COSTA, Julieta Amaral da (Org.) Pastoral Nacional do Povo da Rua. *Povo da rua, povo de Deus*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

CUNHA, Júnia Valéria Quiroga da; RODRIGUES, Monica (Orgs.) *Rua: aprendendo a contar – Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua*. Brasília (DF): MDS: Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009. Disponível em: <<https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/rua.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2022.

DE LUCCA, Daniel. Morte e Vida nas Ruas de São Paulo: a biopolítica vista do centro. In: RUI, Taniele; MARTINEZ, Mariana; FELTRAN, Gabriel (Orgs.). *Novas faces da vida nas ruas*. São Carlos: Edufscar, 2016. p. 23-43. Coleção Marginalia de Estudos Urbanos, v. 1. p. 23-43.

DIAS, Maria Teresa Fonseca. Políticas públicas para a eficácia do direito fundamental à moradia adequada da população em situação de rua. In: GRINOVER, Ada Pellegrini; ALMEIDA, Gregório Assagra de; GUSTIN, Miracy; LIMA, Paulo César Vicente de; IENNACO, Rodrigo. (Orgs.) *Direitos fundamentais das pessoas em situação de rua*. Belo Horizonte: D'Plácido Editora, 2014. p. 439-469.

ENGELS, Friedrich. *A questão da habitação*. Traduzido da edição francesa *La question du logement* pela equipe da Aldeia Global. Belo Horizonte: Aldeia Global Editora, 1979. Coleção Fundamentos 10.

ESCOREL, Sara. *Vidas ao Léu: trajetórias de exclusão social*. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 1999.

FERNANDES, Camila Nastari. *Estudo sobre o serviço de acolhimento em república para adultos em situação de rua do município de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão do Território) – Universidade Federal do ABC, Santo André, 2013.

- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREITAS, Maria Vany de Oliveira. *Trançando os fios de uma história: população em situação de rua na cidade de São Paulo (1970-2005)*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UnB, Brasília (DF), 2016.
- \_\_\_\_\_. *Entre Ruas: lembranças e Palavras: a trajetória dos catadores de papel em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.
- FURTADO, Juarez Pereira; NAKAMURA, Eunice. *Inserção Social e Habitação de Pessoas com sofrimento Mental Grave*. São Paulo: Editora FAP-UNIFESP, 2014.
- GRINOVER, Ada Pellegrini; ALMEIDA, Gregório Assagra de; GUSTIN, Miracy; LIMA, Paulo César Vicente de; IENACO, Rodrigo (Orgs.). *Direitos fundamentais das pessoas em situação de rua*. Belo Horizonte: D'Plácido Editora, 2014.
- KEMP, Valéria Heloisa; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi. *Catadores na cena urbana: construção de políticas socioambientais*. São Paulo: Autêntica, 2008.
- KOHARA, Luiz. *Relação entre as condições de moradia e o desempenho escolar de crianças que residem em cortiços*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. *A Espoliação Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Viver em Risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- SILVA, Maria Lucia Lopes da. *Trabalho e População em Situação de Rua no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2009.
- MARICATO, Ermínia. *Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MEDEIROS, Alessandra. *Pessoas em situação de rua: a saída para a saída: Um estudo sobre pessoas que saíram da rua*. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- MELLO, Tomás Henrique de Azevedo Gomes. *Política dos “improváveis”: Percursos de engajamento militante no Movimento Nacional da População de Rua (MNPR)*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.
- MENEZES, Rafael Lessa V. de Sá. *Crítica do direito à moradia e das políticas habitacionais*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2017.
- MERRY BRITO, Maria Mercedes. *Loucos pela rua, escolha ou contingência?* Curitiba: Editora CRV, 2012.
- MPMG. MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Direitos do morador de rua: um guia na luta pela dignidade e cidadania*. Disponível em: <[www.mds.gov.br/cnas/capacitacao\\_e.../cartilha](http://www.mds.gov.br/cnas/capacitacao_e.../cartilha)>. Acesso em: 23 jul. 2016.
- PASTORAL DO POVO DA RUA. *Chega de Omissão! Queremos Habitação!* Cartilha. Belo Horizonte, 2014.
- PAZ, Rosângela Dias Oliveira da; DINIZ, Tânia Maria Ramos de Godoi (Orgs.). *Serviço Social e Trabalho Social em Habitação Requisições Conservadoras, Resistências e Proposições*. Rio de Janeiro, Morula, 2020.
- RODRIGUES, Lúcia Valeska Bonfim Pimentel. *Vidas nas ruas, corpos em percursos no cotidiano da cidade*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

ROSA, Cleisa Moreno Maffei (Org.). *População de Rua*: Brasil e Canadá. São Paulo: Hucitec, 1995.

\_\_\_\_\_. *Vidas de Rua*. São Paulo: Hucitec; Rede Rua, 2005.

RUI, Taniele; MARTINEZ, Mariana; FELTRAN, Gabriel (Orgs.). *Novas faces da vida nas ruas*. São Carlos: Edufscar, 2016.

SALVADOR. *Cartografia dos desejos e direitos: quem são as pessoas em situação de rua*. Salvador: Centro Projeto Axé de Defesa e Proteção à Criança e Adolescente, 2017.

SANTANA, Carmen Lúcia Albuquerque de; ROSA, Anderson da Silva (Orgs.). *Saúde Mental das pessoas em situação de rua: conceitos e práticas para profissionais da assistência social*. Smads; UNIFESP; OAF. São Paulo: Epidaurus Medicina e Arte, 2016.

SILVA, Carlúcia Maria. *Identificados pelo carrinho*. São Paulo: Editora Dialética, 2021.

SILVA, Maria Lúcia Lopes da. *Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Política Social, Departamento de Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 2006.

SOUZA, Jessé. *A Ralé Brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

\_\_\_\_\_. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

VALLADARES, Lícia do Prado. Gênese da Favela Carioca. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 15, n. 44, out. 2000.

VEIGA, Laura da; CUNHA, Júnia Valéria da; NOVO, Marina Pereira; PEREIRA, Cristiane dos Santos. Trajetória de construção do I Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. In: CUNHA, Júnia Valéria Quiroga da; RO-DRIGUES, Monica (Orgs.) *Rua: aprendendo a contar*: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília (DF): MDS: Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009. p. 15-38.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei. *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. São Paulo: Hucitec, 1992.

VILLAÇA, Flávio. *O que o cidadão precisa saber sobre habitação*. São Paulo: Global, 1986.

## NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<sup>1</sup> Mantra: Poética de Maria Soave e música de Eliane Brasileiro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vH4fp3-93vk>>. Acesso em: 19 jul. 2022.

<sup>2</sup> Fonte: Thich Nhat Hanh: o entre-ser e o budismo comprometido. Disponível em: <<http://www.circuloentreter.org/blog/item/thich-nhat-hanh>>. Acesso em: 18/07/2022.

<sup>3</sup> PAPA FRANCISCO. A alegria do Evangelho. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 23. n. 27.

<sup>4</sup> ONU. Organização das Nações Unidas. Assembleia Geral. Conselho de Direitos Humanos. Relatório da relatora Especial sobre Moradia Adequada, apresentado no 31º período de sessões, 30 dez. 2015, A/HRC/31/54, p. 8. Disponível em: <[https://terradedireitos.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Relat%C3%B3rio\\_Popula%C3%A7%C3%A3o-em-situa%C3%A7%C3%A3o-de-rua.pdf](https://terradedireitos.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Relat%C3%B3rio_Popula%C3%A7%C3%A3o-em-situa%C3%A7%C3%A3o-de-rua.pdf)>. Acesso em: 9 jul. 2022.

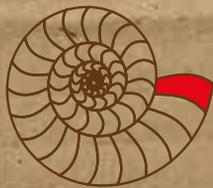
<sup>5</sup> BRASIL. Relatório Final: Primeiro Censo Nacional e Pesquisa amostral sobre a população em situação de rua (Volumes 1 e 2). Brasília: MDS; Meta Instituto de Opinião, mar. 2008, p. 11.

<sup>6</sup> BRASIL. Decreto n. 7.053, de 23 de dezembro de 2009, Art. 1º, parágrafo único. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm)>. Acesso em: 17 mai. 2022.

<sup>7</sup> MPMG. Disponível em: <<https://www.mpmg.mp.br/portal/menu/areas-de-atuacao/cidadania/inclusao-e-mobilizacao-sociais/catadores-de-materiais-reciclavéis.shtml#:~:text=A%20profiss%C3%A3o%20dos%20Catadores%20foi,n.2%BA%205.192%2D05.>>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

- <sup>8</sup> BRASIL. Relatório Final: Primeiro Censo Nacional e Pesquisa amostral sobre a população em situação de rua (volumes. 1 e 2). Brasília: MDS; Meta Instituto de Opinião, mar. 2008, p. 7.
- <sup>9</sup> BRASIL, 2008, p. 11.
- <sup>10</sup> Disponível em: <<https://dssbr.ensp.fiocruz.br/a-nova-composicao-racial-brasileira-segundo-o-censo-2010/>>. Acesso em: 24/07/2022.
- <sup>11</sup> BRASIL. Relatório Final: Primeiro Censo Nacional e Pesquisa amostral sobre a população em situação de rua (Volumes. 1 e 2). Brasília: MDS; Meta Instituto de Opinião, mar. 2008, p. 52.
- <sup>12</sup> BRASIL, 2008, p. 55.
- <sup>13</sup> Diário Oficial da União, n. 221, seção 1, nov. 2020.
- <sup>14</sup> Disponível em: <<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/impactos-do-frio-para-a-populacao-em-situacao-de-rua#:~:text=Segundo%20o%20Observat%C3%B3rio%20Brasileiro%20de,o%20Observat%C3%B3rio%20estima%20uma%20subnotifica%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 27/07/2022.
- <sup>15</sup> IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Nota Técnica n. 73: Estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020). Brasília: IPEA, 12 jun. 2020, p. 12.
- <sup>16</sup> SILVA, Maria Lúcia Lopes. Trabalho e população em situação de rua no Brasil. São Paulo: Ed. Cortez, 2009, p. 105.
- <sup>17</sup> KOHARA, Luiz. A moradia é a base estruturante para a vida e inclusão social da população em situação de rua – Pesquisa sobre os desafios para a efetivação do direito à moradia digna da população em situação de rua: estudo de experiências de atendimento público nas cidades de São Paulo, Belo Horizonte, Salvador e Fortaleza, 2018, p. 26.
- <sup>18</sup> CASTELVECCHI, G. Nenuca. Organização de Auxílio Fraternal. Somos um povo que quer viver. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 80.
- <sup>19</sup> CASTELVECCHI, 1982, p. 88.
- <sup>20</sup> PAPA FRANCISCO. Vamos Sonhar Juntos. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2020, p. 113.
- <sup>21</sup> A Pastoral Social integra a Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Social Transformadora da CNBB e são serviços com ações voltadas para as diferentes facetas da exclusão social.
- <sup>22</sup> FREIRE, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p.13.
- <sup>23</sup> Reportagem de Bertha Maakaroum no Estado de Minas: 3/04/2020.
- <sup>24</sup> LEME, Paulo Sergio. A Missão na Cidade a partir do documento de Aparecida. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica São Paulo (PUC-SP), 2016, p. 69.
- <sup>25</sup> PAPA FRANCISCO. A alegria do Evangelho. São Paulo: Edições Loyola, 2013, n. 263.
- <sup>26</sup> Disco de Newton – experimento muito conhecido na Física – consiste em um disco com cores primárias visíveis (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta), que quando colocado para girar as cores se misturam e o disco parece ficar branco. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/experimento-disco-newton.htm>>. Acesso em: 18/07/2022.

PASSOS METODOLÓGICOS



**ORGANIZANDO-SE NO COLETIVO**

## O CHÃO

---



Vivemos em um mundo cada vez mais excludente e individualista imposto pelo capitalismo, que destrói vínculos comunitários e fraternos, gerando pessoas egoístas e indiferentes. Nossas cidades, vitrines dessa sociedade do progresso, revelam essa contradição. Nos centros, opulência, privilégios e riqueza, nas periferias, miséria, negação de direitos básicos, pobreza e fome. Um número sem fim de pessoas “descartadas”, colocadas à margem, excluídas dos bens e dons da criação, vivendo numa luta constante pela sobrevivência.

A proposta do Reino feita por Jesus é contrária a esse mundo. Seu projeto é de “vida em abundância”, e nos convida a assumir um papel de transformação humana e social que vai contra o **descarte**, a **exclusão** e o **individualismo** imposto pelo sistema capitalista. O desejo dele expresso ao Pai no final de sua missão: “Que todos sejam um”, é convite a desenvolvermos a capacidade de nos unirmos e estarmos juntos/os realizando um **projeto de vida** para todas/os.

A tarefa é enorme! Ela não é apenas de um grupo ou de uma pessoa. Todas/os somos responsáveis pelo cuidado entre nós, com quem está ao nosso lado, com a cidade e com o planeta Terra. O chão que o povo da rua pisa é excludente, solitário e desconhecido, então, é importante romper com a fragmentação e exclusão, nos unindo em “comum-união” para adentrarmos no mundo e na cultura das ruas. É essencial vivenciarmos entre todas/os o espírito de irmandade e solidariedade, que nos levará a uma verdadeira fraternidade universal, contrapondo-se ao chão do individualismo, da exclusão e do descarte!

## TRILHANDO CAMINHO

---



Adentrar nessa caminhada nos desafia e, ao mesmo tempo, nos convida a formar um grupo, uma equipe ou uma comunidade para responder a esse projeto de vida. De acordo com o Papa Francisco: “Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente [...]; precisamos de uma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! [...] Sozinho corre o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem sonhos!”

As pessoas se aproximam da Pastoral motivadas por diferentes apelos: necessidade de participar de um grupo de doação com adesão religiosa ou não; engajamento político e/ou militância; inconformismo com a desigualdade e injustiça social, ou mesmo, pela ampliação da perspectiva profissional para além do mundo acadêmico. Todas têm boa vontade, são sensíveis e desejam se aproximar da realidade dos pobres para desenvolver alguma ação. O importante ao chegar é a sintonia com a proposta de pertencimento a um grupo que quer avançar na busca de uma fraternidade universal, definindo objetivos e metas em conjunto. O processo de aprendizado é algo contínuo e dinâmico. Os princípios, as diretrizes, a metodologia e a mística da Pastoral vão sendo apreendidos e introjados no cotidiano dos encontros, na participação nas ações, nas celebrações, nas lutas, nas análises de conjuntura, na leitura e estudo, na reflexão individual e na vivência em grupo.

Iniciar a caminhada é também organizar-se. Temos missão e metodologia próprias, frutos de anos de experiência com o povo da rua, que nos fizeram desenvolver um jeito singular de agir. Esse caminho se reveste de um caráter de emancipação e de promoção integral da vida, buscando gerar processos de transformação e de superação da realidade.

A vivência dessa práxis/prática incide no cotidiano e na forma de ser e de pensar. É comum ouvir dos agentes suas transformações pessoais, a partir da experiência e diálogo com o povo. Para muitos, ficaram **marcas** que apontam mudanças na maneira de conceber a vida e de enxergar o mundo. Por isso, vale sempre ressaltar a importância da fraternidade, da horizontalidade e do cuidado mútuo com cada pessoa que se compromete na missão, daí é importante ter espaço de partilha e de formação para conhecer e se reconhecer na metodologia da Pastoral.

Integrar e conhecer as ações e refletir sobre elas permitem um olhar mais sistêmico e com maior potencial de intervenção, bem como, contribuem para o fortalecimento pessoal, além de incidirem na realidade com mais eficácia.

## HISTÓRIAS DA CAMINHADA



Jaqueline Laura Manchein da Pastoral da População de Rua de Palhoça (SC) nos fala de sua experiência de vivência com a equipe.

*Éramos um grupo que levava comida para as pessoas em situação de rua. Com a pandemia, nos preocupou o aumento e o agravamento da situação e sentimos necessidade de mais orientações. Então, com um grupo de aproximadamente 20 pessoas, iniciamos um processo de formação da equipe com a Ivone, da Pastoral Nacional. Esse grupo era bem diverso, com pessoas de diferentes religiões. A formação era construída coletivamente, cada um trazendo suas experiências e expectativas. Sempre tinha alguém do povo da rua que já havia passado pela Pastoral e nos trazia a sua história de lutas e conquistas de direitos, como a moradia.*

*A Pastoral tem sido um aprendizado para mim, como pessoa, pois a prática do amor que faz com que a gente acredite no outro, aprendi de uma professora que me disse: "Nenhum de nós é tão bom como todos nós juntos". O trabalho de equipe é bem esse, têm momentos que um está assim e os outros ajudam, têm momentos que outros estão assim, e também a ajuda chega. Esse final de semana, por exemplo, tivemos uma experiência bem forte, porque nós mulheres temos essa coisa da maternidade, a gente passa a ter um vínculo muito estreito, não largamos, vamos até o fim. Acho que o coletivo tem essa coisa de não nos deixar desanimar, é incrível, lembrei muito de Jesus: Quando um ou dois estiver ele estará junto! Lembrei-me da Santíssima Trindade que veio mostrar como deveria ser o nosso relacionamento: Nenhum é mais que o outro, mas é tão importante quanto. É um desafio vivermos juntos, mas ao menos tempo é uma graça enorme, porque cada um tem um olhar diferente.*

Jean Jefferson da Pastoral do Povo da Rua da Arquidiocese de Natal (RN) partilha conosco a caminhada da formação da sua equipe.

*Em 2018, participamos de um encontro de formação com a presença de grupos do Nordeste, assessorado por agentes da Pastoral Nacional, que nos sintonizou com uma nova forma de caminhar.*

*Hoje, somos uma coordenação colegiada com dois núcleos em Natal, cada um opera em uma área da cidade. Formamos equipes compartilhando as frentes de trabalho para que não fique pesado para ninguém. Temos uma frente de ação que são as visitas às pessoas nas ruas. Então, as equipes formam grupos de cerca de três pessoas, e quem tem mais experiência vai ajudando a inserir na ação quem está chegando. Mantemos uma reunião quinzenal para formação e planejamento de nossas ações e estamos sempre divulgando o trabalho da Pastoral e convidando a juventude a conhecer nosso trabalho e integrar a equipe.*

*Temos o desafio de avançar com a equipe na formação para uma atuação de diálogo, de incidência no poder público, dividindo funções. Em Natal, estou no Conselho de Assistência Social e no Fórum; o Flávio, no Conselho de Direitos Humanos; o Evanir e a Marcelle no Centro de Rua. Nessa divisão de tarefas, vamos aproveitando o tempo, as qualidades de cada um, dentro dessas instâncias, deixando espaços para o diálogo. Seguimos em interlocução constante com as equipes do Nordeste e com a coordenação da Pastoral Nacional do Povo da Rua, sempre buscando aprimorar nossa formação e trabalho.*

*Olhando para trás, de onde viemos, nossa equipe avançou e amadureceu muito e segue aberta e disposta a novos desafios e aprendizagem sempre.*

É importante lembrar que numa equipe, há diversos níveis de comprometimento e de entrega para o trabalho. Têm pessoas disponíveis para tarefas mais exigentes, enquanto outras vão se desafiando aos poucos. Logo, é importante ter sensibilidade, evitar cobranças exageradas e ir atribuindo responsabilidades.

## PE NA ESTRADA



- Importante na caminhada é **ser** equipe! Sentir, alegrar-se, ajudar-se mutuamente! Fortalecer a mística da união, da horizontalidade e do apoio mútuo;
- Acolher sempre, ajudar pedagogicamente a exercitar a solidariedade, dividir tarefas, acompanhar cada pessoa e ter sempre em vista os processos formativos e de inclusão de novos agentes;
- Buscar subsídios para a apresentação e conhecimento da Pastoral nas comunidades, paróquias e dioceses;
- Organizar o coletivo: elaborar planejamento que promova ações organizadas e intencionais com o povo da rua, buscando mecanismos e instrumentos de aprimoramento do conhecimento dos agentes;
- Utilizar sempre o método Ver (estudar e compreender a realidade) – Julgar (avaliar essa realidade à luz de princípios e diretrizes) – Agir (realizar ações/intervenções) – Avaliar (analisar os resultados e indicar alterações);
- Criar um espírito comunitário e de apoio entre os agentes e com o povo da rua, primando pela transparência, inclusive nas finanças;
- Procurar espaço físico acolhedor para encontros da equipe, guarda de materiais e referência para o povo;
- Compreender as particularidades e as limitações de cada agente e valorizar os talentos e a disponibilidade ao serviço;
- Ter em mente que muitos respondem à vocação de trabalhar junto com o povo da rua se identificando com essa metodologia; outros, no entanto, não se reconhecem nesse processo, o que é normal e esperado.

## CUIDANDO DA CAMINHADA



### PROCURANDO A LIBERDADE

*Ir. Maria Emília Guerra Ferreira<sup>2</sup>*

- 1 Procurando a liberdade, caminheiro,  
procurando a liberdade também vou,  
procurando a liberdade que é vida,  
procurando a liberdade de viver.  
Caminhando eu vou, procurando eu vou.
- 2 Caminhando levo apenas a esperança,  
de algum dia a liberdade encontrar,  
a esperança que dá força ao caminheiro  
de ir seguindo pela vida a caminhar.  
Caminhando eu vou, procurando eu vou,  
na esperança eu vou.
- 3 A liberdade é a certeza na esperança,  
a encontra quem na vida se arriscar,  
e no risco posso ser crucificado,  
mas cantando a liberdade vou morrer.  
Caminhando eu vou, procurando eu vou,  
na esperança eu vou,  
arriscando eu vou.
- 4 Procurando a liberdade, caminheiro,  
procurando a liberdade também vou.  
procurando a liberdade que é vida.  
procurando a liberdade de viver.  
Caminhando eu vou, procurando,  
arriscando eu vou,  
na esperança eu vou.

---

#### Notas

<sup>1</sup> PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 11, n. 8.

<sup>2</sup> Autora de letra e melodia criadas em 12/02/1973. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/textos/procurando-a-liberdade>>. Acesso em: 17/07/2022.

PASSOS METODOLÓGICOS



**CONHECENDO A REALIDADE**

## O CHÃO



A população em situação de rua é um fenômeno urbano, cada vez mais presente nas grandes e médias cidades mais desenvolvidas, porém bastante desiguais. A **rua** é o lugar onde esse povo se encontra – ou foi forçado a ir para ela – por motivações diversas, como: desemprego, falta de moradia, conflitos familiares, dependências químicas, comprometimento mental entre outras situações; muitas delas, intensificadas pela negação de direitos básicos e falta de políticas públicas. A rua é um ambiente complexo, desafiador, marcado por ambiguidades e conflitos. Nesse contexto, as pessoas buscam sobreviver. Diferentemente da sociedade em geral, que as julga sem conhecê-las, nosso desafio é compreender essa realidade, os territórios, as variáveis envolvidas e adentrar nesse cotidiano.

A rua é o lugar onde Deus habita, fazendo sua morada junto ao povo, armando sua tenda também debaixo de viadutos e marquises. O agente pastoral precisa compreender esse mistério e fazer a experiência de Deus em meio ao turbilhão das cidades, em lugares muitas vezes escondidos nos quais buscam por proteção e segurança.

## TRILHANDO CAMINHOS



Pôr-se a caminho para conhecer a pop rua requer atenção e cuidado, sobretudo, para desenharmos objetivos e metas precisas. Não apenas os sentimentos humanitários são suficientes nessa caminhada. Nossa atuação vai refletir **no outro**, pois a relação que vamos estabelecer tem que levar em conta o contexto em que vamos atuar. É valioso, portanto, conhecer toda a realidade com a qual a população de rua está conectada e não fragmentar as ações, mas integrá-las levando em conta a diversidade das questões envolvidas, como: território, malha social, perfil, legislação, diversos questionamentos, conteúdos e políticas públicas.

A população em situação de rua sobrevive em um contexto urbano, que carece de desenvolvimento efetivo. Os espaços públicos ora vazios ora com urbanização intensa e desordenada, quase sempre, deixam sem resposta adequada o povo que nela vive e transita. A rua é lugar de passagem de todas/os e é nesse espaço de diversas configurações que a pop rua precisa encontrar **espaço** para sua sobrevivência.

Algumas vezes estão escondidos, misturados a matos e lixo, em buracos remanescentes da construção de viadutos, em edifícios abandonados e ociosos, em outras, expostos nas praças, marquises; já encontramos pessoas vivendo em árvores e em cima de pontos de ônibus. Enfim, uma diversidade de locais que, em princípio, oferecem proteção e facilita a sobrevivência. Nesse sentido, é necessário planejar o conhecimento territorial: identificar os lugares, pontos e regiões com maior concentração de pessoas, suas características, se comerciais ou residenciais; conhecer os serviços públicos existentes e a rede de apoio e parceiros que podem ser acionados, além de reconhecer quem atua junto àquele grupo, quais vizinhos interagem com ele e quais os relacionamentos criados.

É necessário compreender ainda: o perfil de pessoas e grupos dos diversos locais; as estratégias de sobrevivência para suprir necessidades básicas; a natureza do trabalho que desenvolvem em busca de obter alguma renda; os serviços que frequentam; as cidades em que viveram; como está a saúde – alguma deficiência, doença, se tomam medicação ou se fazem algum tratamento –, além da idade, origem e trajetória de vida. Esse conhecimento não acontece de uma única vez e pode ser produzido utilizando-se de diferentes metodologias.

Não se pode deixar de lado o conhecimento da legislação nacional e local, que nos permite ter acesso a informações úteis para responder às demandas da população; atualmente, já existem estudos acadêmicos e bibliografias, assim como, documentos e artigos afins. Esse conhecimento integral contribui para a identificação das diferentes conexões necessárias para compreender o fenômeno da pop rua, sua relação com o poder público e a sociedade civil, como também, as tensões sociais, a dimensão histórica, as perspectivas do desenvolvimento urbano, entre outras questões.

Ao mergulhar nesse processo, recordemos do método Ver-Julgar-Agir que nos auxilia a desenvolver instrumentos que contribuam para a efetivação de ações com discernimento e eficiência.

## HISTÓRIAS DA CAMINHADA



Claudenice Rodrigues da Pastoral de Rua de Belo Horizonte (MG) nos fala de sua experiência realizada nos viadutos, e de como, a partir da metodologia do Diagnóstico Participativo Urbano, o grupo se organizou e lutou para a conquista de seus direitos.

*Fizemos o processo de **reolhar** a cidade, elaborando um **mapeamento** de onde estavam as maiores concentrações da população em situação de rua, na perspectiva da realização do Diagnóstico Rápido Participativo Urbano – uma metodologia que permite o levantamento de informações e conhecimentos da realidade da comunidade ou instituições, a partir do ponto de vista de seus membros. Percorremos a cidade em várias regiões, em horários diferenciados, localizando essas concentrações. Primeiramente, a tarefa era identificar onde estavam. Depois veio o **se aproximar**, observando o cotidiano daquelas pessoas, como se organizavam, o número, o perfil, etc. O mapeamento era feito a partir daí, com os registros e sistematização dos dados e as impressões do que havíamos encontrado naqueles grupos. Com o conhecimento da realidade desses grupos, buscamos manter uma presença mais sistemática e uma rotina junto a eles, no sentido de fortalecê-los na mobilização e na luta por direitos.*

*Utilizávamos dinâmicas e vivências junto aos grupos para conhecê-los melhor, sendo divididas por eixos que possibilitavam: o conhecimento da realidade e do entorno daquele grupo, do território, a relação com o trabalho e sobrevivência. Por exemplo, o **Jogo de Bolas** consistia em identificar quais os grupos, entidades e serviços eles tinham alguma relação e qual a ordem de relevância. Cada entidade recebia uma bola com tamanho diferente, de acordo com a importância e relação com o grupo, que desenhamos em uma cartolina. Ao final, tivemos um desenho no qual pudemos compreender melhor as relações e as redes de apoios externos que possuíam. A importância de conhecer a realidade e o grupo em que se deseja trabalhar, contando com essa ou aquela rede de apoio, nos permite atuar para fortalecer essas relações ou possibilita criar novas, tendo em vista a transformação ou a potencialização de algumas forças.*

*Dentre esses grupos, havia um que ficava embaixo do viaduto, próximo ao Aeroporto da Pampulha, em Belo Horizonte. Aos poucos, fomos nos aproximando, conhecendo o cotidiano deles, como se organizavam lá, como faziam para sobreviver. Identificamos 23 barracões, em torno de umas 50 pessoas. Pudemos perceber que ali se reproduzia uma lógica mais rural, com galinhas, plantações e barracos de madeira.*

*Além de conhecer esse cotidiano e para direcionar melhor a ação, fomos descobrir a rede de apoio e de serviços públicos que utilizavam: escolas, creches, assistência social, serviços de saúde. Inclusive, descobrimos que haveria uma obra de revitalização da barragem da Pampulha e o local onde aquelas pessoas estavam se tornaria um canteiro de obras. Nem a prefeitura, nem a empreiteira havia **percebido** a existência desse grupo. Orientados pelo Diagnóstico, realizamos um seminário junto à vizinhança, convidando a rede socioassistencial pública, ONGs e entidades para apresentar a realidade do grupo e construir caminhos coletivos diante daquela questão. E após um processo de luta e mobilização, conseguiram ser remanejados para a moradia. Toda a ação não seria possível se não tivéssemos aprofundado mais na realidade desses grupos, entendendo através do Diagnóstico sua construção, articulações e demandas. Esse conhecimento nos permitiu atuar em sintonia com os desejos dos grupos e suas possibilidades, bem como, potencializar toda uma rede de apoio.*

## PÉ NA ESTRADA



- Promover espaços de estudos e discussões sobre temas diversos da vida do povo da rua. As equipes devem estar sempre sintonizadas com a realidade política, econômica e social, por meio de veículos de comunicação confiáveis;
- Identificar os lugares e pontos com maior concentração de pessoas, buscando conhecer as rotinas e itinerários do povo;

- Fazer um discernimento em equipe sobre em qual/is grupo/s trabalhar. Para isso, é importante verificar o planejamento;
- Procurar saber quais os serviços socioassistenciais e locais frequentados pelo povo da rua;
- Conhecer a política de assistência social do município e os programas voltados para essa população, além das legislações e órgãos de defesa de direitos;
- Descobrir os serviços de saúde, alimentação, acolhimento e outros serviços, tendo em vista os encaminhamentos necessários;
- Lembrar sempre que a população em situação de rua é heterogênea, seus grupos e indivíduos possuem perfis diversos, com diferentes histórias e trajetórias;
- Verificar quais as formas de trabalho/obtenção de renda do povo. A catação/reciclagem é historicamente uma das mais utilizadas;
- Atuar praticando uma política de redução de danos;
- Realizar periodicamente momentos de análise de conjuntura social e política entre os agentes pastorais e o povo da rua.

## CUIDANDO DA CAMINHADA



### OI, LEVA EU, POVO DA RUA!<sup>1</sup>

Oi, leva eu, povo da rua.

Eu também quero ir, povo da rua.

E já chegou a missão,

vamos todos no unir.

Leva eu, povo de rua!

- 1 Trabalhamos todos juntos, povo da rua,  
Verdadeiro mutirão, povo da rua,  
“Fé em Deus e pé na tábua”,  
Buscando a libertação,  
Leva eu, povo da rua.
- 2 Neste tempo tão difícil, povo da rua,  
A cidade vai ouvir, povo da rua,  
O grito dos oprimidos  
Pra justiça construir,  
Leva eu, povo da rua.
- 3 Somos o povo de Deus, povo da rua,  
Nós também temos direito, povo da rua,  
Nossa luta começou,  
Pra parar não tem mais jeito,  
Leva eu, povo da rua.

---

#### Nota

<sup>1</sup>José Roberval Freire da Silva compôs esse hino, no final da década de 1970, quando participava da missão junto ao povo da rua na Casa de Oração em São Paulo. Atualmente trabalha com a Pastoral do Migrante.

PASSOS METODOLÓGICOS



**SENDO PRESENÇA E  
FORTALCENDO VÍNCULOS**

## O CHÃO



O povo da rua vive na solidão e no anonimato, sentindo-se abandonado. O olhar social direcionado a essas pessoas é marcado pelo preconceito, criminalização e desprezo. Muitos as enxergam como ameaça, outros como problema a ser eliminado através de soluções higienistas. Não raras vezes, nem chegam a ser notados, percebidos, parecendo ser mais um elemento que compõe a paisagem urbana. Esse olhar e forma de lidar as violentam ainda mais. Portanto, ir ao encontro dessas pessoas com olhar e postura diferentes, reconhecer nelas um ser de dignidade, de direitos e estabelecer vínculos de afeto são elementos fundamentais para sua acolhida.

O complexo fenômeno da pop rua e suas formas de exclusão e desfiliação que se apresentam no cotidiano é marcado, na maioria das vezes, pela negligência ou ausência total do Estado. A busca de direitos através da efetivação de políticas públicas tornou-se uma prática constante. O **esgarçamento do tecido social**, as **margens**, as **franjas** e o **limbo** – espaços nos quais a pop rua se encontra –, produzem efeitos graves em suas vidas. O distanciamento social é gigantesco, e esse grupo populacional sobrevive audaciosamente ao **nada** ou **ao quase nada** ofertados pelo Estado e sociedade.

## TRILHANDO CAMINHOS



Nossa proposta se dirige, essencialmente, ao humano que habita cada um de nós. Isso significa ir ao encontro do povo, a partir do afeto, do sentimento que está escondido e, ao mesmo tempo, latente nos corações. Por esse prisma, nossas intervenções e/ou conduções prezam pela compreensão integral da pessoa, respeitando sua singular e criativa maneira de ser, sendo esta a única via para a construção de caminhos e laços de identidade que amarrem os fios da vida.

A possibilidade de afetar-se é um exercício permanente, pois através do olhar, da ternura, do gesto e da fala, as pessoas sempre expressam algum sentimento. Em uma sociedade que ignora tudo isso, é urgente provocar afetos para sanar o **sofrimento social**. É preciso **enlaçar**, **enxergar** as pessoas, tornar possível o **encontro** para aliviar o sofrimento.

Os primeiros passos na criação de vínculos começam por meio dessa escuta e acolhida, pois esses elementos impulsionam a comunicação e o aprendizado, que ocorrem simultaneamente e em sentido duplo. Não de forma linear e nem regidos por uma condição cronológica temporal pré-determinada, mas desenhado pelo sujeito a partir da sua singularidade.

Deus faz morada na vida e no corpo das pessoas que estão em situação de rua. Descobrir o corpo/presença dele nesses corpos e vidas – que tem história, trajetória, sentimentos, ferimentos, sofrimentos – é um caminho que ilumina nossa espiritualidade. Assim como o Samaritano da parábola dos evangelhos, que vê o caído às margens, o agente precisa ver e escutar os caídos pelas ruas das cidades e ir até eles, em um movimento de compaixão. Dessa forma, o cuidar não se restringe apenas na atenção com o corpo machucado, mas também se amplia na perspectiva de tocar a vida, os valores e os desejos.

O agente deve ser presença junto ao grupo que deseja incidir e, através da escuta, mostrar-se interessado por aquela vida, estabelecendo laços de fraternidade. Acolher a pessoa do jeito que ela é, sente e pensa, aceitando-a em sua verdade e integralidade é desafiador, pois somos cheios de preconceitos. Isso exige conversão contínua e exercício de empatia.

O vínculo não é algo instantâneo, algo de um encontro só, mas fruto da perseverança e da insistência, construído na horizontalidade, no afeto e na paciência. Por isso, a rotina de visitas abre brechas para criar laços de confiança junto ao grupo.

Nesse processo, alguns apoios específicos podem ser realizados, porém, lembrando sempre que a presença do agente pastoral não se fundamenta em dar alguma coisa, seja comida, roupas ou qualquer item material.

Ela se caracteriza principalmente pela escuta, pela contínua aproximação, que busca gerar protagonismo e mobilização. Sabemos que o povo tem suas urgências e necessidades imediatas – e podemos contribuir para que sejam remediadas –, mas nosso esforço deve se concentrar na criação de vínculos que gerem acolhida, inclusão e processos de transformação.

## HISTÓRIAS DA CAMINHADA



Flávio Rogério de Andrade da Pastoral do Povo da Rua de Natal nos traz um relato sobre a importância da criação de vínculos.

*Formamos um grupo de jovens, na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, para fazer doação de comida nas ruas. Era tudo muito espontâneo, sem uma metodologia ou diretriz. Tudo era feito muito rápido, numa ânsia de acabar com a fome do maior número de pessoas possível. Em 2015, nosso pároco nos convidou para uma capacitação feita por agentes da equipe da Pastoral Nacional do Povo da Rua. Foi uma **mudança de chave**. No encontro, conhecemos a Pastoral, as diretrizes, a metodologia de ação e tudo partia da criação de vínculos com o povo. Compreendemos que nossa ação deveria mudar: vimos a importância de criar vínculos maiores, buscando ser, de fato, presença na vida dessas pessoas.*

*Continuamos a fazer as entregas, mas com um jeito novo. Reorganizamos os locais de visitas e ficávamos mais tempo com eles. Começamos a conhecer a história de cada um, o motivo da ida para as ruas, a profissão, a família. As pessoas passaram a ter um nome e uma história para a gente.*

*Essa mudança qualificou mais nossa presença a partir da escuta. Com esses vínculos, conquistamos a confiança deles para falarem sobre suas necessidades, anseios e sonhos. Isso foi e, ainda, está sendo trabalhado na gente. Levamos alguns apoios para o povo, mas o foco da nossa abordagem é orientado pelas diretrizes da Pastoral Nacional: ser presença, gerar escuta e criar vínculos. Antes, saíamos de casa para entregar alimentação. Hoje, estamos envolvidos e vinculados à vida do povo da rua. Com certeza, foi a partir da presença no meio da vida deles que essa caminhada foi e está sendo construída.*

*Recordo-me sempre da passagem bíblica do encontro de Jesus com o cego Bartimeu, no qual Ele não cura a cegueira sem antes ouvir o que o homem queria. Só a partir de ouvir o pedido é que Jesus realiza o desejo daquele homem. Essa metodologia de Jesus tem muito a nos ensinar: saber ouvir antes de tudo!*

Alessandra Martins de Belo Horizonte compartilha conosco a história da presença transformadora que a Pastoral do Povo da Rua teve em sua vida.

*Fui para as ruas com 14 anos por ter sido rejeitada por minha família. Catar material reciclável virou meu ganha-pão. Tive cinco filhos, muita dificuldade e acabei me envolvendo com a dependência do crack. Em 2006, conheci a Pastoral de Rua, que me convidou para ir à Comunidade Amigos de Rua, um lugar onde a Pastoral promovia ações com o povo. Eu estava bem decadente, com fome, com frio, suja e sofria muito com a dependência química. Confesso que, nas primeiras vezes, eu ia lá atrás de alimentação. Mas sempre era convidada para participar de rodas de conversa que a Pastoral fazia sobre moradia, direitos das mulheres, trabalho e renda. E foi numa dessas rodas que, pela primeira vez, atentei que aquele meu sonho – ter uma casa para viver com minha família – era um direito.*

*Para mim, foi através desse apoio que consegui resgatar muitas coisas na minha vida. Estava afastada de meus filhos, envolvida na droga, e o pessoal da Pastoral estendeu-me a mão, me deu apoio e força. A Pastoral ofereceu um vínculo, um lugar, um grupo. Quando vieram até mim trouxeram o que faltava: esperança, amor, atenção, acolhida, o que a gente não tinha na solidão das ruas. Estar ali nas atividades e nas rodas me fez também me compreender como cidadã. A gente passa muita dificuldade por não ter formação, orientação, e nem saber onde buscar nossos direitos, e hoje sei aonde ir, como ir, exigir, lutar.*

*De lá pra cá, muita coisa aconteceu. Permaneci na minha luta pela moradia, para mim e meus filhos. E, em 2017, com o apoio da Pastoral de Rua, fui para a Ocupação Anita Santos. Morar na ocupação não concluiu os meus*

*sonhos da moradia, mas aqui eu consigo sentir o calor do que sonho: ter um lugar que eu posso estar com minha família, com os meus filhos, protegidos, em segurança. Hoje sou uma mulher mais forte, cheia de vida, consciente do que eu quero e onde quero chegar: ter minha moradia e onde trabalhar, o mínimo que qualquer ser humano merece ter. A Pastoral de Rua, com todos os agentes, se fez e ainda se faz presente na minha caminhada.*

## PÉ NA ESTRADA

---



- Criar estratégias de aproximação do povo. Planejar o encontro, atuando sempre em grupo ou em duplas nas ruas e territórios;
- Manter uma postura respeitosa, não invasiva. Buscar agir com sensibilidade, discrição, simpatia, evitando formas ostensivas e intimidadoras;
- Escutar e valorizar o que lhe é dito. Procurar saber os nomes das pessoas e guardá-los. Atentar-se às histórias e casos contados pelo povo com escuta qualificada;
- Ter cuidado com expressões e comportamentos que denotem algum preconceito ou possam constranger;
- Convidar, se possível, a pessoa ou o grupo para alguma prece ou oração, respeitando a dimensão ecumênica e inter-religiosa;
- Estabelecer uma rotina de visitas ao grupo com o intuito de fortalecer a presença, o vínculo e a confiança;
- Oferecer algum apoio mais imediato, quando necessário, trazendo dignidade a todos, como doação de alimentos, materiais de trabalho, roupas, entre outros. Contudo, ter em mente os princípios de ação pastoral e o compromisso com a defesa da vida e da dignidade;
- Planejar as visitas na rua, desenvolvendo abordagem de cuidado e escuta ativa;
- Conhecer e ter contato com a rede de atendimento socioassistencial.

## CUIDANDO DA CAMINHADA

---



### POEMA DE TAGORE<sup>1</sup>

Aqui é o estrado para os teus pés,  
que repousam aqui,  
onde vivem os mais pobres,  
mais humildes e perdidos.

Quando tento inclinar-me diante de ti,  
a minha reverência não consegue alcançar  
a profundidade onde teus pés repousam,  
entre os mais pobres, mais humildes e perdidos.

O orgulho nunca pode se aproximar  
desse lugar onde caminhas  
com as roupas do miserável,  
entre os mais pobres, mais humildes e perdidos.

O meu coração jamais pode encontrar  
o caminho onde fazes companhia  
ao que não tem companheiro,  
entre os mais pobres, mais humildes e perdidos.

---

Nota

<sup>1</sup> Disponível em <<http://caminhoshumanosedivinos.blogspot.com/2012/05/poema-de-rabindranath-tagore.html>>. Acesso em 07/08/2002.

PASSOS METODOLÓGICOS



**CRIANDO COMUNIDADE**

## O CHÃO



O mundo encontra-se permeado por individualismo, desconfiança, medo e intolerância. A competição é exaltada e deixa-se às margens quem não se enquadra nessa lógica absurda e injusta. A vida se desumaniza e as relações sociais se enfraquecem e desagregam, incidindo diretamente nas comunidades, cidades e povos. Tal realidade impacta a vida da população em situação de rua, aprofundando o *apartheid* social. Dispersos e perdidos nas cidades andam errantes e invisíveis em busca da sobrevivência. Humanizar a vida dentro da desumanização que reina nas ruas é o desafio que se coloca para os agentes que buscam desenvolver ações que permitam o encontro e o estabelecimento de novos arranjos, tendo em vista a superação dessa realidade.

A pedagogia do diálogo e do cuidado indicam caminhos para que essa aproximação e organização aconteçam. Sozinhos, não seremos capazes de tamanha tarefa, mas juntos podemos sonhar e buscar alternativas. Paulo Freire disse: “Não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens”.<sup>1</sup> Inúmeros testemunhos de vida revelam a transformação que esse amor comprometido provoca, como em Gandhi, Mandela e Jesus Cristo. Promover a vida e a comunidade é amar a humanidade, identificar e denunciar as realidades que a ferem e fortalecer laços rumo à construção de uma nova sociedade.

## TRILHANDO CAMINHOS



A dimensão comunitária é elemento essencial da tradição cristã, que ganhou novo fôlego com a experiência das Comunidades Eclesiais de Base. As CEBs são um rico referencial de como formar comunidade com o povo da rua: comunidade que partilha o pão, a fé, as dores e as alegrias e se une à luta por um mundo de mais justiça e vida para todos, na construção do Reinado de Deus nesse tempo. O livro dos Atos nos inspira: “[...] os cristãos punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um”.<sup>2</sup>

Para a Pastoral, formar comunidade com o povo significa criar um ambiente de relações horizontais, de inclusão, de participação e de corresponsabilidade, na medida em que cresce o diálogo coletivo. Nesse lugar, o povo da rua já não se sente estranho, mas acolhido, cooperador e sujeito. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.<sup>3</sup> A comunidade se fundamenta, então, na interligação e diálogo permanentes, na participação e realização de ações/tarefas, sem importar com o tamanho delas, mas sempre refletindo sobre elas.

A organização das rodas de conversa, grupos operativos e CEBs são metodologias que contribuem para acompanhar o processo de organização da comunidade, sempre fazendo **com** o povo e não **para** o povo. Na comunidade, a pessoa não é mais um sujeito isolado, mas forma um grupo, um coletivo, um povo: o povo da rua. Nela, se cuida e cuida do outro, encontra referência/identidade, companheirismo, reconhecimento, celebra a vida e planeja o futuro.

O diálogo na comunidade abre as portas para conhecer o mundo que rodeia cada pessoa, que não precisa se fechar em si, mas deve estar aberta. Daí surge a motivação para refletir e reconhecer as dificuldades e os desafios que cada membro enfrenta no seu cotidiano, por exemplo: a ausência de políticas públicas, de trabalho, de moradia, de banheiros e sanitários, além dos preconceitos, dentre outros. Depois, vem a consciência da situação em que vivem e inicia-se uma nova caminhada. A Palavra dos Atos dos Apóstolos se faz realidade e a partilha, o relacionamento entre si e a busca por transformação se concretizam.

Freire disse ainda: “Não há também diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens”.<sup>4</sup> Trata-se de um direito legítimo que é também constitucional.

Anita Gomes dos Santos participou da Comunidade Amigos de Rua e foi uma das fundadoras do Movimento Nacional da População de Rua; faleceu em 28 de julho de 2017, dia do seu aniversário. Segue um depoimento no qual ela reconhece a força da comunidade.

*Espaço Pastoral: uma vida com dignidade sem preconceito, trabalho em equipe, divulgação, buscar junto, cultura, lazer, direito. A profecia da Pastoral: eram seres humanos que tinham direitos e seus direitos não eram atendidos. A luta, a organização e a conquista.*

## HISTÓRIAS DA CAMINHADA



Roseni Schmidt da Pastoral de Rua de Belo Horizonte nos apresenta a experiência da Comunidade Amigos de Rua.

*Em BH, temos o espaço físico que se chama Comunidade Amigos de Rua. É um território de segurança em que as pessoas podem criar a referência de encontro no grupo que as acolhe. As portas são abertas para a rua e qualquer que seja a condição em que a pessoa chega ela é acolhida, cuidada e recebida pelo grupo. A Comunidade Amigos de Rua se tornou um lugar onde se ouve e se acolhe as demandas e as necessidades de cada um que chega; busca encaminhamento para os serviços, as redes de apoio e o atendimento público; disponibiliza acesso ao telefone, à internet, à guarda dos documentos etc.*

*A comunidade é cuidada pelo próprio povo. Organizam-se equipes para a limpeza e preparação do local para os encontros. Primeiras providências: cafezinho e lanche são servidos a todas/os. As tarefas vão sendo distribuídas e assumidas em corresponsabilidade. Inclusive, temos até uma caixinha, em que cada um, por mínimo que seja, contribui para a manutenção da comunidade. Importante lembrar que fazemos visitas àqueles que estão adoentados ou se afastaram por diversos motivos. Nós, enquanto agentes de Pastoral, contribuimos com o planejamento: quais são as questões e os temas que devemos enfrentar enquanto grupo? A partir daí, pensamos em atividades que serão desenvolvidas. Por exemplo, a perspectiva da redução de danos do uso prejudicial de álcool e de outras drogas é sempre uma das questões que surge. E até a própria existência da comunidade se torna um espaço de redução de danos. “Quando estou aqui, junto ao grupo, não bebo, me cuido e sou cuidado”, dizem sempre.*

*Tudo acontece em roda. Esse movimento circular é inclusivo e estimula a dimensão horizontal, na qual todas/os somos iguais. A roda também dá voz e vez para cada um, seja no seu sentimento, na sua dor ou na sua luta. Em rodas criam-se laços, estabelecem-se referências, tudo a partir do encontro com o outro. É muito próximo do processo de abordagem e do fortalecimento de vínculos.*

*No grupo se estabelece uma troca e se inclui a pessoa numa coletividade. Embora haja diversos níveis de pertencimento, há uma integração entre todos. Procuramos distribuir atividades durante a semana. Por exemplo, no domingo, há o momento de lazer e de espiritualidade; na terça-feira, roda de redução de danos e formação sociopolítica; na quinta-feira, discussão sobre a moradia, e nos outros dias da semana a porta fica aberta para a escuta ou acontecem outras atividades. É importante destacar que sempre vivenciamos as datas comemorativas cívico-religiosas e, especialmente, os aniversários dos membros da comunidade.*

*A metodologia da educação popular, na perspectiva do empoderamento, da crítica social e do exercício da cidadania está presente na comunidade, tornando-se espaço de formação e organização para conquistas de políticas públicas. Em BH, a Comunidade Amigos de Rua foi o berço da aquisição de equipamentos públicos e serviços, como o centro de saúde especializado no atendimento à população em situação de rua e de organização para atuação no orçamento participativo. Atualmente, fazemos parte do Conselho de Habitação, de Segurança Alimentar, de fóruns, conferências e outros espaços.*

Samuel Rodrigues participante da Comunidade Amigos de Rua conta como essa vivência transformou sua vida.

*Estou em BH, desde 2005, e uma das primeiras portas que encontrei em busca de ajuda foi na Comunidade Amigos de Rua. Era um lugar em que ia tomar café à tarde no domingo, e aproveitava para ver o futebol, mas ali, com as atividades que foram acontecendo, com as pessoas que pude conhecer, transformei a minha vida. Quando fui convidado a sair do lugar de coitado, de vítima, de reclamão, para ser protagonista da minha própria história, para lutar*

pelos direitos das pessoas em situação de rua, entre elas eu. Isso me colocou no lugar de reivindicador, que luta por direitos, inclusive dentro do próprio Movimento Nacional da População de Rua, que participo. Faço parte com muito orgulho dessa Comunidade e hoje tento replicar nas pessoas que chegam tudo aquilo que foi passado para mim.

## PÉ NA ESTRADA



- Promover encontros e celebrações em grupo, que favoreçam a identificação de todas/os em comunidade;
- Realizar dinâmicas e encontros para que possam falar numa perspectiva horizontal e se identificar nas dores e lidas da caminhada;
- Estimular a organização nas atividades e tarefas que a comunidade realiza, como: café comunitário, aniversários, comemorações cívicas e folclóricas etc;
- Implantar espaços de convivência e acolhida: na própria rua, em viadutos, em centros de referência e/ou em lixões;
- Animar o desenvolvimento de ações coletivas na conquista de melhor qualidade de vida e na organização de cooperativas e associações.

## CUIDANDO DA CAMINHADA



### ESPELHO DE NÓS

*Milton Nascimento e Fernando Brant<sup>5</sup>*

Traz a farinha, traz é o peixe,

Traz é o pão, que quer dividir

Quem vem de lá, o que nos traz?

Quem vem de lá, que gente é?

Quem vem de lá, vem é de paz?

Quem vem de lá sabe o que quer?

Traz a farinha, traz é o peixe,

Traz é o pão que quer dividir.

É gente nossa, homem, mulher.

Espelho de nós, mistérios da fé.

Quem vem assim vestido de céu?

Quem vem assim filho de Deus?

Luz na manhã, cor no papel.

Flor no jardim, fruta no mel.

Traz na viagem sonho, esperança.

pra alimentar quem quer resistir.

É gente amiga, homem, mulher.

Estrela, farol na noite do mar.

Sei que enquanto amar a vida me valerá.

Gostar pra mim é o ar que busco na atmosfera.

É o princípio e é o fim. Eu quero é tocar, eu quero saber, qual é a mais bela verdade que há.

Quem vem de lá, que mares cruzou?

Quem vem de lá, que povo é?

Quem vem de lá, o que nos traz?

Quem vem de lá sabe o que quer?

Traz a farinha, traz é o peixe,

Traz é o pão que quer dividir.

É gente nossa, homem, mulher,

Espelho de nós, mistérios da fé.

Traz na viagem sonho, esperança,

Pra alimentar quem quer resistir.

É gente amiga, homem, mulher,

Estrela, farol na noite do mar.

Quem vem assim vestido de céu?

Quem vem assim filho de Deus?

Luz na manhã, cor no papel.

Flor no jardim, fruta no mel.

#### Notas

<sup>1</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 91.

<sup>2</sup> Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, p. 2051, Atos dos Apóstolos, 2, 44-45.

<sup>3</sup> FREIRE, 1996, p. 90.

<sup>4</sup> FREIRE, 1996, p. 93.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IHQJN14Uknc>>. Acesso em: 17/02/2022.

PASSOS METODOLÓGICOS



**ESTIMULANDO A DIMENSÃO  
POLÍTICO-SOCIAL**

## O CHÃO



As populações mais vulneráveis sempre foram alijadas do poder e da participação política. Frequentemente, são apenas objetos das ações públicas assistencialistas, que não levam em consideração a participação e o protagonismo; assim elas permanecem passivas e ausentes das discussões.

Por sua vez, o povo marcado por um processo histórico de exclusão da política e da participação democrática tem dificuldade de se compreender como cidadã/ão de direitos. Vítimas de constantes violações sentem-se culpadas por estarem em situação de rua.

Papa Francisco nos diz que: “A dignidade de cada pessoa humana e o bem comum deveriam estruturar toda a política”,<sup>1</sup> levando-se em conta seu caráter **integral e estruturante**. **Integral** porque reúne em si a totalidade da vida humana, e **estruturante** por buscar condições reais para que cidadãs/ãos se organizem e assegurem a vida. Garantir a dignidade da pessoa humana nas diferentes dimensões da vida: econômica, política, social, cultural e ambiental, como também, incluir as ações de todos os movimentos e organizações, os quais, de forma coletiva, anunciam e denunciam insistentemente tudo que maltrata e fere a vida.

A responsabilidade social nos leva a um único mundo, a um projeto comum, segundo Papa Francisco, por isso, lutamos por políticas públicas que superem os antagonismos da sociedade e incluam a população em políticas efetivas e emancipadoras, como trabalho e moradia, especialmente. Essas políticas necessitam assegurar direitos e não podem depender da boa vontade dos governantes.

## TRILHANDO CAMINHOS



A defesa e o cuidado com a vida do povo da rua nos inserem na luta por direitos. Essa luta é profética, porque denuncia os sistemas de morte e exclusão, reivindicando e anunciando um mundo novo, no qual a vida está em primeiro lugar. A Palavra de Deus é repleta de passagens que evocam o **direito** e a **justiça** dos mais pobres, como sendo vontade de Deus, critério para manutenção da Aliança e bênção para o povo.

Essa luta também é política porque surge da organização coletiva da comunidade e do povo da rua, por seu reconhecimento como cidadãos, que injustamente têm seus direitos negados e violados. Papa Francisco sempre recorda que a política é a melhor forma de caridade, porque busca e promove o bem para todos. “Envolver-se na Política é uma obrigação para os cristãos. Nós, cristãos, não podemos nos fazer de Pilatos e lavar as mãos. Não podemos! Devemos nos envolver na política, porque a política é uma das formas mais elevadas da caridade, porque ela procura o bem comum. Os leigos cristãos devem trabalhar na política [...] Isto é um dever! Trabalhar pelo bem comum é um dever cristão”.<sup>2</sup>

Sem política pública não há efetivação dos direitos sociais nem transformação social. Por isso, o trabalho realizado cotidianamente deve ter como horizonte a participação efetiva do povo da rua nos espaços políticos, nos quais se dá o controle social e se elaboram e implementam as políticas públicas, que lhes garantirão direitos. É urgente lutar por moradia, trabalho e renda, saúde, segurança, isto é, por direitos garantidos pela Constituição, que conferem dignidade e permitem que o povo supere a situação de rua.

Torna-se obrigatório ir além das necessidades individuais que cada um traz. Quando uma pessoa em situação de rua apresenta a demanda por alimentação, além de resolver o problema imediato da fome, é preciso problematizar com ela e com o grupo o caminho que se precisa percorrer para garantir o acesso continuado a esse direito constitucional. É nessa reflexão cotidiana sobre cada uma das necessidades que se consolida o processo pedagógico de organização e luta por direitos. Assim, é fundamental ter demandas claras e construir bandeiras de luta. A visão da educação popular nos estimula e deve ser voltada para a construção de sujeitos sociais e políticos, comprometidos com a transformação estrutural da sociedade, como diz Paulo Freire.

O desafio constante da ação pastoral é contribuir para que o povo da rua se torne sujeito social. É indispensável fomentar seu protagonismo nos espaços políticos, movimentos, mobilizações, fóruns, conselhos e comitês e possibilitar que ele fale por si mesmo para que ocupe o espaço que lhe é de direito. Essa participação política em todas as suas dimensões contribui para a construção de nossa **Casa Comum**. É através da mobilização e da política que se constroem novos mecanismos de garantia de direitos e se asseguram os já existentes. Sem esse empenho, não estabeleceremos um novo diálogo, tão necessário para a salvação da vida e do planeta. Dirigindo-se à FAO, Papa Francisco falou da “[...] necessidade urgente de uma mudança radical no comportamento da humanidade”<sup>3</sup> e nos convoca a desenvolver uma **civilização do amor**: “[...] O amor social é a chave para um desenvolvimento autêntico: “para tornar a sociedade mais humana, mais digna da pessoa, é necessário revalorizar o amor na vida social – nos planos político, econômico, cultural – fazendo dele a norma constante e suprema do agir”<sup>4</sup>.

## HISTÓRIAS DA CAMINHADA



Conheçamos a experiência das Oficinas de Direitos, contada por Frei Marcus Carvalho, assessor da Pastoral do Povo da Rua da Arquidiocese de Olinda e Recife (PE).

*As **Oficinas de Direitos** surgiram para se ter um processo de formação com o povo, percebendo a descrença de muitos com a mobilização e luta por políticas públicas. Fomos convidar as pessoas em visitas nos centros-pops, nos serviços e na rua. No início, as oficinas eram realizadas em um espaço itinerante; depois, contamos com a Igreja Santa Cecília, no centro da cidade, com encontros quinzenais. Eram poucas pessoas, mas com a regularidade, eles mesmos convidavam uns aos outros e o grupo foi aumentando.*

*Contávamos com uma metodologia participativa. A discussão se baseava naquilo que era o conhecimento das próprias pessoas, a realidade de cada um e a discussão de algum direito essencial: moradia, emprego, renda, alimentação. Não era uma aula de direitos, mas uma roda de conversa com dinâmicas. Em cada um desses encontros eram escolhidos representantes que pudessem chegar e expressar aquilo que o grupo tinha refletido. No processo, as pessoas começaram a se tornar protagonistas das próprias lutas, a entender e desenvolver ideias e argumentações sobre os temas.*

*Por exemplo, uma vez pegamos várias frutas e deixamos para quem quisesse pegar livremente. As frutas podiam ficar nas mãos de poucos ou serem divididas entre todos. Foi um momento para problematizar o capitalismo, que concentra nas mãos de alguns e não partilha. Provocamos a discussão e, a partir daí, pensamos em como poderíamos garantir alimentação para todos e começamos a entender o que é alimentação e segurança alimentar e que não existia um restaurante popular na cidade.*

*Começamos a participar do conselho de segurança alimentar, e acompanhados de pessoas da rua, vindas das oficinas, que já tinham participado de um processo de formação, para também falar da sua realidade. Nesse período, descobrimos um inquérito no Ministério Público (MP), em que a prefeitura não cumpria o direito à segurança alimentar, por não existir um restaurante popular. E junto com o MP e o Conselho de Segurança Alimentar, essa se tornou uma de nossas bandeiras. Depois de tanta luta, no final de 2019, foram inaugurados os dois restaurantes populares. Temos consciência de que essa conquista surgiu devido ao trabalho que fizemos junto ao povo.*

Anderson Lopes Miranda participa da Pastoral Nacional do Povo da Rua de São Paulo e do Movimento Nacional de Luta em Defesa da População em Situação de Rua (MNLDP SR) e nos conta como a ação pastoral o fez engajado na luta por direitos do povo da rua.

*Ficava nas ruas de São Paulo, era ano de 1995. Foi quando conheci as irmãs oblatas, que atuavam na Pastoral do Povo da Rua e, depois, na Comunidade dos Sofredores da Rua. Participava dos grupos de formação e discussão, das orações, da convivência com os outros irmãos de rua. Vi a importância de viver em uma comunidade com pessoas que estão na mesma situação e luta como você.*

*Baseado nessa vivência é que pude dar um salto na minha ação e ajudar a fundar o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR). O objetivo era dar visibilidade e organizar essa população para conquistar direitos, e que*

*a rua falasse pela própria rua pois, até ali, eram outros que falavam por nós. A Pastoral teve papel fundamental para o nosso despertar enquanto movimento, se preocupando com a organização sociopolítica da população em situação de rua.*

*Logo após o massacre, em agosto de 2004, na Praça de Sé em São Paulo, no qual foram mortas sete pessoas da rua, se lançou o Movimento Nacional da População de Rua. Foi também após o massacre que uma comissão do povo da rua foi organizada para se reunir em Brasília com o governo federal e denunciar as violações sofridas. Essas mobilizações levaram à criação do Grupo de Trabalho Intersetorial para discussão da Política para a População em Situação de Rua, do qual pude fazer parte representando o MNPR e onde também estava a Pastoral do Povo da Rua. Já, em 2009, ocorre a grande vitória com o Decreto n.7.053/2009, que instituiu a Política Nacional para a População em Situação de Rua e a criação do CIAMP – RUA (Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política para a População em Situação de Rua).*

*Com o apoio que a Pastoral nos dava é que conseguimos participar efetivamente. Imaginem as dificuldades que tínhamos com viagens, hospedagens, alimentação etc., como pessoas que viviam nas ruas. Foi também no exercício de nos ajudar a pensar a dimensão sociopolítica que conseguimos estar ali e sermos representativos. Meus olhos se enchem de lágrimas quando me lembro disso, e hoje seguimos no desafio de efetivar o que instituiu o decreto.*

*Olhando para trás, digo que muita gente não conhecia quem era a população de rua. E a Pastoral desde sempre nos envergou de forma diferente. Foi um marco transformador quando a Pastoral disse para o poder público que nós precisávamos de política pública e não de assistencialismo. Sem isso, as conquistas que tivemos não teriam acontecido. Hoje, se sou o que sou, devo àquela comunidade que me acolheu lá atrás, que me ensinou a me olhar e olhar meus irmãos e irmãs de rua de forma diferente: não como coitadinhos, mas como cidadãos, portadores de direitos.*

## PÉ NA ESTRADA



- Criar espaços para discussões dos direitos, da realidade e das violações sofridas pelo povo;
- Fazer oficinas, utilizar dinâmicas de grupos e outros recursos pedagógicos para contribuir com a formação do povo. Usar ao máximo a criatividade;
- Conhecer os espaços políticos de discussão da população em situação de rua nas cidades, buscando ocupar as cadeiras representativas com o povo;
- Incentivar a participação na elaboração, implementação e controle social das políticas públicas, contribuindo com transporte e/ou alimentação para o povo participar;
- Planejar e construir ações, a partir das demandas, e analisar o contexto político, econômico, social, afirmando os princípios éticos de transparência e respeito mútuo;
- Ficar atento às agendas de mobilização, organização e participação política. Selecionar em quais eventos se deseja participar junto com o povo, quais são os mais relevantes;
- Celebrar juntos vitórias e conquistas e rezar quando há revezes e derrotas. O Povo de Deus assim o fazia. Há um caráter pedagógico nessa mística do caminho, pois estamos sempre caminhando.

## CUIDANDO DA CAMINHADA



### SONHO IMPOSSÍVEL

Chico Buarque<sup>5</sup>

Sonhar mais um sonho impossível. / Lutar quando é fácil ceder.

Vencer o inimigo invencível. / Negar quando a regra é vender.

#### Notas

<sup>1</sup> PAPA FRANCISCO. *A alegria do Evangelho*. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 120, n. 203.

<sup>2</sup> Fonte: Discurso realizado, em 20 de maio de 2021, em encontro das "Scholas Occurrentes", segundo informações da Agência Ecclesia.

<sup>3</sup> PAPA FRANCISCO. *Laudato Si*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 5, n. 4.

<sup>4</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 182, n. 231.

<sup>5</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=aN\\_aAR2GgyU](https://www.youtube.com/watch?v=aN_aAR2GgyU)>, Acesso em: 17/02/2022.

PASSOS METODOLÓGICOS



PROMOVENDO A ARTICULAÇÃO

## O CHÃO



As sociedades têm se tornado cada vez mais complexas e, conseqüentemente, o fenômeno da pop rua igualmente vai sofrendo mudanças e adquirindo novas características e questionamentos. Dessa forma, é fundamental a identificação dos processos sociais que têm levado as pessoas à situação de rua, exigindo a compreensão das novas demandas e dos esforços a serem mobilizados por parte da sociedade civil e dos governos. Nesse sentido, a formação dos agentes pastorais e a atuação em **rede**, envolvendo diversos parceiros tornam-se essenciais, já que diante da complexidade do fenômeno é preciso agir no coletivo.

Em rede, articulam-se práticas e saberes diversos que irão lidar mais eficazmente com a multiplicidade de demandas. Esse conceito de **articulação em redes** – em voga tanto no mundo empresarial quanto nos movimentos populares –, é uma realidade cheia de potencialidades. Somos seres em relação e as redes se contrapõem ao individualismo desenfreado presente na sociedade. Além disso, elas favorecem experiências comunitárias sem hierarquia, nem verticalização, portanto, com participação e comunicação entre todas/os. Seus princípios implicam em colaboração, abertura, compartilhamento, integridade e interdependência.

## TRILHANDO CAMINHOS



A construção de pontes, como sempre recorda o Papa Francisco, que ligam e conectam pessoas e grupos, é um convite para dinamizar a ação pastoral. Construir pontes é ir em direção ao outro, interpelá-lo, acolhê-lo e enfrentar **muros invisíveis**, como preconceitos, burocracias e obstáculos institucionais etc. É abrir caminhos e mobilizar corações.

O conceito de **mobilização** diz respeito àquilo que pode mudar de lugar, que é capaz de se mover, se deslocar. Para Toro e Werneck, essa movimentação é fruto do compartilhamento de um desejo comum, uma vontade de mudar, de alcançar determinado objetivo: “[...] é o ato de convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, compartilhando interpretações e sentido. É a partir deste sentido compartilhado que diferentes indivíduos ou setores da sociedade se reúnem para começar ou transformar determinados processos, cenários ou ações.”<sup>1</sup> Esse ato de paixão requer uma escolha que contamine todo o cotidiano: rompa com rotinas, crie e recrie ações, mire e observe pequenos gestos e movimentos. O importante é ir diretamente até a alma do outro com empatia, cujo potencial transformador vai contagiando a vida ao redor.

Esse exercício de articulação e de mobilização social é possível de ser feito na ação pastoral. Interpretar o mundo a partir dos excluídos e, em consequência, mudar os paradigmas são exercícios processuais, gradativos e lentos, e só acontecem no encontro com o outro. É na pluralidade de pensamentos e relações, que iniciativas individuais podem ser complementadas ou fortalecidas no coletivo. Ou seja, é preciso identificar na individualidade de cada pessoa aquilo que pode fortalecer o processo comum.

Mobilizar é integrar todas/os no processo libertador e permitir que participem e resolvam juntas/os questões pontuais e locais. É fomentar parcerias, contribuir com elaboração de políticas, promover articulações, compartilhar conflitos e desafios comuns. Sempre a partir da base essa mobilização amplia o potencial de intervenção e transformação.

A comunicação é uma ferramenta importante que desenvolve a arte do encontro. Contribuir na apresentação da realidade e das lutas do povo da rua e influenciar a opinião pública são instrumentos necessários, que otimizam e ajudam na formulação de novos conteúdos, programas e projetos.

Em suma, a ação pastoral se caracteriza pelo trabalho em rede, construindo pontes e conexões, que mobilizam e sensibilizam diversos atores sociais e eclesiais. Trabalho lento, que exige paciência, porém, quando obtido sucesso fortalece o impacto da ação.

## HISTÓRIAS DA CAMINHADA



Carlita Moraes de Salvador (BA) nos conta da participação em uma articulação que garantiu moradia digna para pessoas em situação de rua.

*A Pastoral do Povo da Rua acompanhou, junto ao Movimento da População de Rua, o processo de indicação e conquista da unidade habitacional de cerca de 53 famílias no Programa Minha Casa, Minha Vida. Foi uma vitória importante. No entanto, logo se percebeu que no local havia uma série de questões e de problemas, tais como: a falta de segurança, de equipamentos públicos (escolas, centros de saúde, CRAS), transporte, dentre outros. Apesar de levarmos essas questões para o município, as pessoas foram colocadas lá sem nenhum apoio.*

*Então, surgiu o Fórum de Pós-Ocupação da Habitação de Interesse Social, uma experiência inovadora no país, articulada pelos movimentos sociais de moradia, incluídos a Pastoral do Povo da Rua e o Movimento Nacional da População de Rua, com o objetivo de pressionar o poder público ante as questões de fragilidade da área onde estavam as casas. Não tínhamos dúvida do quanto a moradia muda a vida das pessoas, mas tinha que ser um morar com dignidade. E conseguimos vitórias como equipamentos e serviços para o local. E essa experiência nos mostrou a força da articulação e da mobilização. A gente não conseguiria fazer isso só. Sem articulação não conseguimos conquistar as políticas públicas necessárias.*

*E ainda, desse fórum, nasceu uma importante iniciativa que foi o curso de extensão pró-moradia, durante um ano e meio, promovido pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) com o nome: Movimento Popular e Direito à Cidade – Uma abordagem formativa. O curso trazia um olhar novo sobre o direito à cidade e foi muito importante para a capacitação de agentes no entendimento de como é formada nossa cidade, e para compreender as pessoas que são excluídas e marginalizadas no contexto urbano. Dessa forma, a Universidade Federal da Bahia se tornou aliada e parceira.*

*Esse trabalho de articular diversos setores, seja o poder público, a sociedade civil, a academia, enfim aglutinar forças, vai promovendo avanços e conquistas que não conseguiríamos sozinhos. Temos que criar parcerias e estar sempre alertando a sociedade e o governo de que a população de rua tem que ser vista em suas necessidades e especificidades.*

Denise Gonçalves de Salvador foi uma das beneficiadas pelo trabalho dessa articulação e conta:

*Ficava nas ruas de Salvador, quando conheci a Pastoral do Povo da Rua. Eles acompanhavam a gente, com visitas e encontros e me encaminharam junto com outros irmãos da rua para o programa “Minha Casa, Minha Vida”. Durou um tempo essa espera, até conquistar a casa. Enquanto isso, nossa documentação era organizada. Foi a maior felicidade da minha vida quando consegui, não acreditava. Fui para minha casa nova, mas faltavam melhorias para morarmos com mais dignidade. Não tínhamos ônibus, faltavam escola e posto de saúde, precisávamos de uma passarela pra facilitar a vida de pessoas debilitadas que lá foram morar. Foi aí que a Pastoral, junto com o Movimento Nacional da População de Rua, chamou outras pessoas e o governo, que foram nos ajudar a conquistar essas melhorias. Depois de muita luta e reuniões, as coisas foram acontecendo. Os serviços foram chegando e sempre a Pastoral junto, nos acompanhando e nos apoiando.*

Conheçamos o relato do Padre Marcos Augusto–SJ, que nos fala de uma importante articulação feita na Arquidiocese de Olinda e Recife, nos idos de 2015.

*Em Recife, tínhamos diversos grupos que atuavam nas ruas com um viés mais assistencial, especialmente doando alimentação. Percebemos que muitos iam para as ruas no mesmo dia, gerando excesso de doações, enquanto faltava em outros. Era preciso dar o mínimo de organização, distribuir as ações durante a semana. Fomos conhecendo esses grupos e entendendo quando e onde trabalhavam. Fizemos um mapeamento que levou à criação de uma rede de comunicação, um grupo de WhatsApp. Começamos a articulação por aí, nos aproximando dos grupos, aos poucos. Logo depois, fizemos um encontro onde pudemos conhecer os*

*grupos e as pessoas mais de perto. Eram bastante heterogêneos: católicos, evangélicos, espíritas, sem religião e religiões de matriz africana. Desse encontro surgiu o nome do grupo, fruto da articulação: Unificados pela População de Rua.*

*Na perspectiva de avançar com essa aproximação e união, nos propusemos a trabalhar com os grupos trazendo uma visão de prática mais sociotransformadora. Assim, desenvolvemos uma caminhada conjunta de encontros e, aos poucos, fomos apresentando pautas da luta por direitos. Também na linha da articulação, conseguimos trazer a Universidade Católica, com apoio de professores e alunos que nos ajudaram nas formações junto aos grupos e até cederam espaços para fazermos os encontros.*

*Ao promover uma primeira articulação dos grupos, fomos envolvendo outros agentes, como a universidade e o poder público, fortalecendo a atuação do Comitê, tão importante para a população em situação de rua. É grande o benefício de criar redes de atuação para essa defesa de direitos. Redes que se desenvolvem pelo diálogo, conhecimento, estudo e reflexão, e posteriormente, pela incidência social. Vejo que numa sociedade cada vez mais fechada ao diálogo, a criação de redes rompe com essa lógica individualista e egoísta e promove avanços, impossíveis de se obter estando separados.*

## PÉ NA ESTRADA

---



- Promover momentos de encontros, formação, convivência e troca de experiências;
- Articular com a rede socioassistencial ações para fortalecer a voz do povo;
- Realizar assembleias que reúnam agentes pastorais, parceiros, amigos e apoiadores para pensar a prática. Essas ações ampliam o reconhecimento do trabalho da Igreja e de todos os envolvidos na Pastoral;
- Criar redes de parceiros e apoiadores é um caminho a ser trilhado no desenvolvimento da ação;
- Procurar formalizar um Fórum da População em Situação de Rua – que articule organismos do poder público, entidades da sociedade civil de defesa de direitos e representantes da população em situação de rua – capaz de empreender com legitimidade as pautas e as reivindicações do povo da rua;
- Utilizar meios de comunicação para dar visibilidade às ações, fomentar parcerias, mobilizar pessoas. As redes sociais, como Facebook e Instagram, são gratuitas e possuem enorme penetração na sociedade.

## CUIDANDO DA CAMINHADA

---



### SOBRE O OTIMISMO E A ESPERANÇA

*Ruben Alves<sup>2</sup>*

Hoje não há razões para otimismo. Hoje só é possível ter esperança. Esperança é o oposto de otimismo. “Otimismo é quando, sendo primavera do lado de fora, nasce a primavera do lado de dentro. Esperança é quando, sendo seca absoluta do lado de fora, continuam as fontes a borbulhar dentro do coração.” Camus sabia o que era esperança. Suas palavras: “E no meio do inverno eu descobri um verão invencível...” Otimismo é alegria “por causa de”: coisa humana, natural. Esperança é alegria ‘a despeito de’: coisa divina. O otimismo tem suas raízes no tempo. A esperança tem suas raízes na eternidade. O otimismo se alimenta de grandes coisas. Sem elas, ele morre. A esperança se alimenta de pequenas coisas. Nas pequenas coisas ela floresce...” Basta-lhe um morango à beira do abismo. Hoje, é tudo o que temos ao nos aproximarmos do século XXI; morangos à beira do abismo, alegria sem razões. A possibilidade da esperança.

---

#### Notas

<sup>1</sup> TORO, José Bernardo; WERNECK, Nísia Maria Duarte Furquim. *Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação*. UNICEF - Brasil, 1996, p. 5.

<sup>2</sup> ALVES, Rubens. *Concerto para corpo e alma*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2000, p. 159-160.

PASSOS METODOLÓGICOS



# FORMANDO E SISTEMATIZANDO A ARTE DO SABER

## O CHÃO

---



A importância de transformar ações em conhecimentos é urgente na sociedade. Ao analisarmos a realidade das ações pastorais, observamos a riqueza de experiências que existem. Cada atividade, reunião, articulação, celebração, projetos são ações de agentes pastorais que impactam vidas, transformando realidades de alta vulnerabilidade em novas oportunidades para uma vida melhor. Nesse sentido, temos o desafio de utilizar instrumentos para formar, capacitar e sistematizar essas ações pastorais, nas diversas realidades que pressupõem esforços cada vez maiores.

O fenômeno da população em situação de rua demanda estratégias e articulações com diversos órgãos e pessoas, ou seja, exige uma organização intencional e, ao mesmo tempo, um saber. É comum ouvir que **a rua é uma escola** e disso não temos dúvida, logo, precisamos compreendê-la na sua profundidade para desenvolver ações a partir desse conhecimento. Este é nosso saber, que é também desafio, trazer conhecimento, literatura e arte para essa rua, e crescer junto. Vasconcelos e Brito ao citarem Paulo Freire, apontam que “[...] a eficiência no processo educativo depende da capacidade do educador em conseguir entender a leitura do mundo feita pelo educando e, a partir dessa leitura, ampliar o seu conhecimento, levando o educando a ter uma visão mais crítica.”<sup>1</sup>

## TRILHANDO CAMINHOS

---



A formação dos agentes da Pastoral na ótica do saber crítico tem sido um desafio permanente e uma característica marcante da ação educativa. A vivência acumulada no contato permanente com o povo da rua gera conhecimentos próprios dessa realidade. A Pastoral contribui para que as condições de vida e trabalho dessa população e dos catadores de materiais recicláveis sejam compreendidas e transformadas.

O clássico método Ver-Julgar-Agir facilita a compreensão do processo de inserção no contexto da rua, observando seus movimentos e relações. Depois dos primeiros passos é preciso confrontar essa realidade com nosso saber antes de propor ações. Assim, nos lembra Paulo Freire: “Partir significa pôr-se a caminho, ir, deslocar-se de um ponto para o outro e não ficar, permanecer. Jamais disse, como às vezes sugerem ou dizem que eu disse, que deveríamos girar embevecidos em torno do saber dos educandos, como a mariposa em torno da luz. Partir do saber de experiência feita para superá-lo e não ficar nele!”<sup>2</sup>

Durante toda a ação, devemos sempre avaliar o percurso feito, refletir sobre os resultados, corrigir rotas e organizar/sistematizar os aprendizados. Sistematizar que significa compilar dados, organizar ideias e conceitos, ordená-los, para que possam ser acessados com facilidade quando necessário, e utilizados em formações futuras. É um exercício que exige dedicação e metodologia, cujas equipes e trabalho com o povo têm muito a ganhar com isso. Quantas experiências e resultados positivos a ação da Pastoral do Povo da Rua obteve durante todos esses anos! Trata-se, portanto, de conhecê-las e acessar esses conhecimentos acumulados para facilitar a ação dos agentes.

É indispensável criar espaços de formação e de estudos para capacitar os agentes e outras pessoas que atuam junto ao povo da rua. O fenômeno dessa população é complexo e a capacitação nos qualifica para a ação. Engana-se quem desconsidera a importância disso. Muitas encruzilhadas e momentos em que a **ação não evolui** podem ser iluminados com a formação e novos conhecimentos, pois a boa vontade é im-

portante, mas não o suficiente. Com certeza, o trabalho será mais frutuoso e gratificante para os agentes e os resultados bem melhores para a vida do povo da rua.

A imagem de uma espiral, em que o conhecimento é circular e complementar, não etapista e fragmentado, ajuda a compreender a imagem da formação das/os agentes, acionando e articulando diversas fontes de saberes: o acadêmico, a educação popular, o cotidiano com o povo, a ação pastoral/eclesial, o mundo simbólico etc.

É importante guardar e registrar a história das atividades da Pastoral, utilizando diversos meios, incluídos os eletrônicos. Toda organização deve cuidar da sua história e preservar a sua memória.

## HISTÓRIAS DA CAMINHADA



Maria Antonieta da Costa Vieira de São Paulo é uma das assessoras da Pastoral Nacional do Povo da Rua e nos traz reflexões sobre a formação, capacitação e sistematização do trabalho pastoral.

*Com o reconhecimento da Pastoral Nacional do Povo da Rua, em 2001, ganhou força a preocupação de sistematizar seus princípios, diretrizes e metodologia que a orientavam. Fazia-se necessário também apresentar o diferencial da sua ação, uma vez que existiam múltiplas iniciativas espalhadas pelo país que atuavam junto à população em situação de rua, muitas vinculadas às igrejas, que se autodefiniam como Pastoral de Rua. Além disso, havia uma demanda grande dos grupos de base por materiais que ajudassem a orientar como trabalhar. As pessoas queriam saber como fazer esse trabalho pastoral com a população de rua, mas lhes faltavam recursos sistematizados.*

*Em 2007, houve um aprofundamento da reflexão sobre os princípios e as diretrizes da Pastoral Nacional, o que permitiu tornar claros seus objetivos e concepções, explicitar sua identidade diferenciando-a de outras práticas. Foi um processo coletivo intenso, em que se discutiu muito, com vários encontros e extensas revisões. Foi feita uma distinção entre princípios e diretrizes. As diretrizes entendidas como processos de encaminhamento da ação e os princípios como o referencial da ação, o embasamento daquilo que se faz, inclusive com as referências teológicas. Colocar tudo no papel, traduzindo em palavras a prática, foi desafiador.*

*O documento produzido se tornou um referencial importante para o desenvolvimento da formação dos agentes, seja nos grupos de base já constituídos, seja na ampliação do trabalho em novos locais.*

*Em geral, os agentes têm dificuldade de desenvolver um processo mais reflexivo sobre sua ação. A prática diária é extremamente exigente, absorve as energias, fazendo com que, por vezes, se perca de vista aonde se pretende chegar. Quando se consegue ter claro quais são os objetivos do trabalho e refletir sobre a prática, a ação dá um salto. A sistematização e a formação são ferramentas que ajudam nesse processo. É importante ter recursos para pensar a ação e para ter, de fato, uma ação transformadora.*

*Gostaria de destacar que – ao longo do tempo em que acompanho o trabalho da Pastoral – sempre esteve presente a preocupação de se munir de instrumentos, como análises da realidade e reflexão teológica. Diferentemente de alguns grupos que são muito fechados e autocentrados, que não buscam referências externas, a Pastoral do Povo da Rua sempre apelou para diferentes campos do saber, de forças políticas e da universidade. A busca de interlocução com pessoas, grupos e instituições envolvidos com a temática enriquece muito seu trabalho.*

*Olhando à distância posso dizer o quanto a Pastoral avançou nesses anos. Algo que era mais localizado, no Sudeste, foi crescendo e tem ganhado força no Brasil todo. Além disso, a Pastoral tem dado contribuições muito*

significativas, além do âmbito de sua atuação específica, como a construção de políticas públicas para a população em situação de rua. Parte dessa contribuição é consequência de formação, capacitação e sistematização de uma forma de trabalhar, que possibilita contribuir com qualidade na formulação de políticas públicas e nos processos de transformação social.

## PÉ NA ESTRADA

---



- Garantir a constante capacitação e formação, proporcionando espaços para a avaliação das ações até aqui e para o futuro;
- Utilizar a metodologia da educação popular, que parte de conhecimentos prévios do povo e articula a dimensão da realidade com o conteúdo em uma linguagem mais acessível;
- Dinamizar as formações: utilizar cantos, dinâmicas, trabalhos em grupo, dando espaço para que o povo possa falar e contribuir. Que os espaços de formação sejam rodas de troca de saberes e se revistam de mística mobilizadora;
- Oxigenar ideias, ampliar o debate, constituir redes afins, horizontalizar os temas e produzir conhecimentos;
- Promover seminários e cursos, buscando assessorias capacitadas;
- Atuar com uma postura crítica com total atenção aos contextos políticos, sociais, eclesiais, locais e mundiais, no horizonte da transformação social;
- Sistematizar os conhecimentos e as experiências realizadas;
- Produzir conteúdos para as redes sociais, Internet e meios de comunicação.

## CUIDANDO DA CAMINHADA

---



### SEMEANDO OTIMISMO

*Cora Coralina*<sup>3</sup>

Procuo semear otimismo  
e plantar sementes de paz e justiça.  
Digo o que penso, com esperança.  
Penso no que faço, com fé.  
Faço o que devo fazer, com amor.  
Eu me esforço para ser cada dia melhor,  
pois bondade também se aprende.  
Mesmo quando tudo parece desabar,  
cabe a mim decidir entre rir ou chorar,  
ir ou ficar, desistir ou lutar;  
porque descobri, no caminho incerto da vida,  
que o mais importante é o decidir.

---

#### Notas

<sup>1</sup> VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho; BRITO, Regina Helena Pires de. *Conceitos de Educação em Paulo Freire*. 6.ed. Petrópolis (RJ):Vozes: Mack Pesquisa, 2014, p. 148.

<sup>2</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 70.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.gilbertogodoy.com.br/ler-post/semear-otimismo---cora-coralina>. Acesso em: 17/07/2022.

PASSOS METODOLÓGICOS



**ENTRELAÇANDO OS PASSOS:  
CELEBRAR A VIDA**

## O CHÃO

---



Nosso povo é profundamente marcado pela experiência com o Sagrado. Toda pessoa humana, em certa medida, busca respostas mais profundas para descobrir o Mistério que envolve a existência, dores, contradições, incertezas e alegrias. Ao olhar para a realidade do povo da rua, percebemos a diversidade de pertenças e práticas religiosas. Isso nos desafia para a vivência do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, ou seja, para o respeito, a valorização e a boa convivência com a religiosidade de cada pessoa.

É necessário iluminar a religiosidade de nosso povo, uma vez que não faltam **ofertas religiosas** que alienam, culpabilizam e oprimem. Evangelizar é anunciar a fé em Deus presente na história e na caminhada do povo, que liberta e promove a vida contra toda alienação e fuga da realidade. É perceber que o “Espírito sopra como e onde quer” e que há **sinais de vida** nas experiências religiosas.

## TRILHANDO CAMINHOS

---



A ação da Pastoral do Povo da Rua do início ao fim é uma celebração da vida! Reconhecemos e celebramos os sinais de Deus presentes. Ele habita nessas pessoas! Cada encontro, iniciativa, cada vínculo criado e revestido do Mistério de Deus é o centro da celebração, pois se trata de celebrar a beleza construída com corpos feridos e machucados, que vão sendo reconstruídos, curados e transformados. É grande a alegria de contribuir com o resgate da dignidade, da ação transformadora e libertadora que converte situações de exclusão em projetos de vida para todas/os. Contemplar as dores, fragilidades, frustrações, derrotas, mesmo após tanta luta e insistência. É a mística da cruz! E quantas cruzes pesam sobre os ombros do povo da rua! Mas, recordemos sempre: nossa esperança é a ressurreição, a última palavra é a **Vida**.

A comunidade é por excelência o lugar de celebrar! Ali se encontra com o irmão e com a irmã. Formam-se as rodas, as cirandas. Prepara-se o alimento com cuidado, que será partilhado entre todos. É importante que os momentos celebrativos sejam construídos junto com o povo, que é protagonista, resgatando seus gestos, seus símbolos e suas expressões de fé. Nosso povo é marcado por uma religiosidade popular e genuína, com devoções, formas de rezar/orar, de respeitar o Sagrado que devem ser trazidas, valorizadas e trabalhadas em uma perspectiva da espiritualidade libertadora. É importante realizar celebrações periódicas e nas grandes festas, como Natal e Páscoa, ressignificá-las com o mistério da vida do povo. É muito marcante recordar aniversários, rememorar datas importantes da luta do povo, festejar São João, festas populares, dentre outros eventos.

A celebração já começa quando o lugar é cuidado e enfeitado, o alimento preparado, envolvendo a todas/os. Dois elementos da tradição cristã devem ser sempre valorizados: as Palavras de Deus e da vida do povo que precisam ser ouvidas com atenção e com o coração, além do ágape, a comida partilhada na mesa comum, na qual todos são escolhidos e importantes, todos são irmãs e irmãos.

Os processos de humanização da vida e das relações de organização e mobilização sociais fortalecidas e alargadas pela força espiritual e humanizadora são essenciais para que o povo da rua e os catadores de materiais recicláveis se tornem cada vez mais sujeitos e protagonistas de suas vidas e colaborem na construção de uma nova sociedade.

Lembremos sempre que a Pastoral do Povo da Rua se alarga para a dimensão ecumênica, uma vez que está em comunhão e diálogo com outras comunidades e manifestações cristãs, e na perspectiva inter-religiosa reconhece a diversidade das experiências da fé e do Sagrado.

## HISTÓRIAS DA CAMINHADA

---



Nathércia Navegante, atuante na Pastoral do Povo da Rua de Manaus (AM), partilha conosco a experiência de celebrar com o povo.

*Sempre me perguntavam como seria celebrar junto com o povo da rua. Lembro-me que em encontros da Pastoral Nacional, se celebrava com o povo nas praças, nas ruas e embaixo dos viadutos. E esse jeito de celebrar*

montando nesses lugares um espaço litúrgico, quase sempre tendo como base o Ofício Divino das Comunidades, me encantava. Foi quando recorremos ao Padre Mirim, que veio nos dar uma formação sobre o Ofício e nos ajudar nessa missão.

A primeira vez que fizemos, ficamos na expectativa de ver se o povo realmente ia participar. Fizemos num local, em Manaus, que chamamos de Capela Santa Clara, que estava sendo reformada, dentro dos escombros de um antigo hospital. Espaço bem rústico, sem cadeira, só tinha o altar. Levamos lenços, fizemos mandalas, preparamos bem o espaço. Organizamos o roteiro, chamamos o povo para vir. Um instrumentista apareceu: tinha uma pessoa da rua que sabia tocar músicas católicas, evangélicas, populares etc. Todos cantaram e trouxeram para a celebração os momentos da vida, o sofrimento da rua, a alegria em estar celebrando.

A metodologia do Ofício não cansa, é rápida e inclusiva. Foi maravilhoso, fizemos todos os momentos do Ofício Divino e um lanche com o povo no mesmo espaço da celebração. Alguns me procuraram perguntando quando seria de novo, porque tudo tinha sido tão bonito. A partir desse momento, o Ofício começou a ser feito, e segue até hoje. O povo trazia o sofrimento da vivência na rua, o sofrimento de não poder estar com a família, a alegria de celebrar e agradecer a Deus. Com certeza, passa muito pela cabeça das pessoas, que a população em situação de rua não reza, não medita, não pensa em Deus. E quanta exclusão existe em nossas igrejas, olhares tortos, vida comunitária que não inclui. Pude ver o quanto esses momentos de oração são importantes e fundamentais para quem está nas ruas. É trazer Cristo para vida das pessoas, é encontrar o mesmo Cristo nesses irmãos, na oração em comum, na partilha do pão.

A princípio, tivemos a dúvida: será que o povo vai conseguir acompanhar essa forma de oração? Depois dessa primeira vez, já fizemos o Ofício sentado na grama, numa praça, no asfalto. Algumas vezes, houve um tumulto ou outro, mas seguíamos e as pessoas iam colocando ordem no lugar, entendendo a necessidade do respeito diante do Sagrado. Eles traziam flores, montavam arranjos. Cada um trazia seu banquinho, seu papelão para sentar. A metodologia do Ofício é toda ecumênica e nos ensina a abraçar a todos. Lembro-me de um dia em que fomos ler o evangelho, e um evangélico pegou a bíblia e fez a reflexão do jeito dele e cada um foi complementando trazendo aquilo que sabia.

Celebrar com o povo da rua é ver a simplicidade das pessoas. É um momento em que abraça a inclusão. Estar num local onde tudo é dourado, acolchoado, arrumadinho, o povo fica como se fosse um peixe fora d'água. No Ofício, é o simples de Deus que inclui e é presença lado a lado.

Hoje, temos o Centro de Acolhida do Povo da Rua Dom Sérgio Castrianni da Pastoral de Manaus. O Ofício segue sendo feito na porta e nas praças junto com o povo. Tudo feito com muita simplicidade, ao mesmo tempo com muito carinho e dignidade. Para celebrar não precisa ter muita coisa. As celebrações são preparadas com respeito, inclusão e participação do povo.

## PÉ NA ESTRADA



- Envolver o povo na organização e construção das celebrações, inclusive as eucarísticas (missas);
- Dialogar sempre com a **cultura das ruas, do povo da rua**;
- Valorizar a dimensão ecumênica e inter-religiosa da pop rua que possui uma diversidade de pertencças religiosas e identificações de fé;
- Cuidar dos espaços de celebração, nas ruas ou em locais próprios da comunidade. Limpar, enfeitar, decorar, envolver as pessoas nessa preparação e cuidado. Atentar-se aos objetos e instrumentos a serem utilizados;
- Preparar as celebrações, selecionando, antecipadamente, as orações e as leituras, ensaiando os cantos com os músicos e cuidando do som;
- Utilizar os símbolos da caminhada do povo da rua: papelão, cobertores, artesanatos produzidos por ele, flores e instrumentos de trabalho;

- Ter cuidado com os extremos: nem uma celebração improvisada, de última hora, nem algo enrijecido e fechado, que impeça que as inspirações de momento possam surgir;
- Dar espaço para a participação do povo, acolher e valorizar crenças e sentimentos. As celebrações tocam fundo no coração;
- Mergulhar no significado verdadeiro da partilha da mesa e do pão;
- Possibilitar que as celebrações sejam sempre em rodas, valorizando a circularidade e a horizontalidade, nas quais todas/os sejam incluídas/os e vistas/os;
- Celebrar em comunidade tem os seguintes e essenciais momentos: **Acolhida**: encontrar-se; **Palavra**: partilha da vida do povo e da Palavra de Deus; **Ágape**: dons e trabalhos oferecidos, ação de graças e comida partilhada; **Envio**: volta para a missão/compromisso no cotidiano das ruas.

## CUIDANDO DA CAMINHADA



### SALMO 84<sup>1</sup>

*O passarinho encontrou  
agasalho pra seus pequeninos,  
o teu altar, ó Senhor,  
é abrigo pros teus peregrinos!*

- |   |  |  |
|---|--|--|
| <p>1 Como é boa a tua casa,<br/>como é bom morar contigo,<br/>por ti suspira a minh'alma,<br/>meu coração, ó Deus vivo!</p> | <p>4 Bem feliz quem acha em ti<br/>força para caminhar,<br/>passando por terra seca<br/>em fontes vai transformar.</p>         | <p>7 Pois um dia em tua casa<br/>vale mais que mil lá fora,<br/>a conviver com perversos<br/>prefiro estar à tua porta!</p>      |
| <p>2 Encontrou a andorinha<br/>ninho para os seus filhotes,<br/>o teu altar, tua casa,<br/>eu encontrei, ó Deus forte!</p>  | <p>5 Tuas bênçãos vão chover,<br/>tudo vai virar jardim...<br/>Passando sempre mais fortes<br/>em Sião vão ver Deus enfim!</p> | <p>8 O Senhor é sol e escudo,<br/>graça, glória e alegria,<br/>aos seus nenhum bem sonega,<br/>Feliz quem nele confia!</p>       |
| <p>3 Bem felizes os que moram<br/>no limiar de tua casa,<br/>os que em ti se apoiam<br/>celebrarão tua graça!</p>           | <p>6 Senhor Deus onipotente,<br/>ouve a prece do teu Cristo,<br/>repara, ó Deus, nossa força,<br/>pra face do teu ungido!</p>  | <p>9 Glória a Deus que nos acolhe,<br/>glória ao Cristo Salvador,<br/>e glória ao Santo Espírito<br/>dos povos terno louvor!</p> |

## ENCONTRAR – ESCUTAR – DISCERNIR

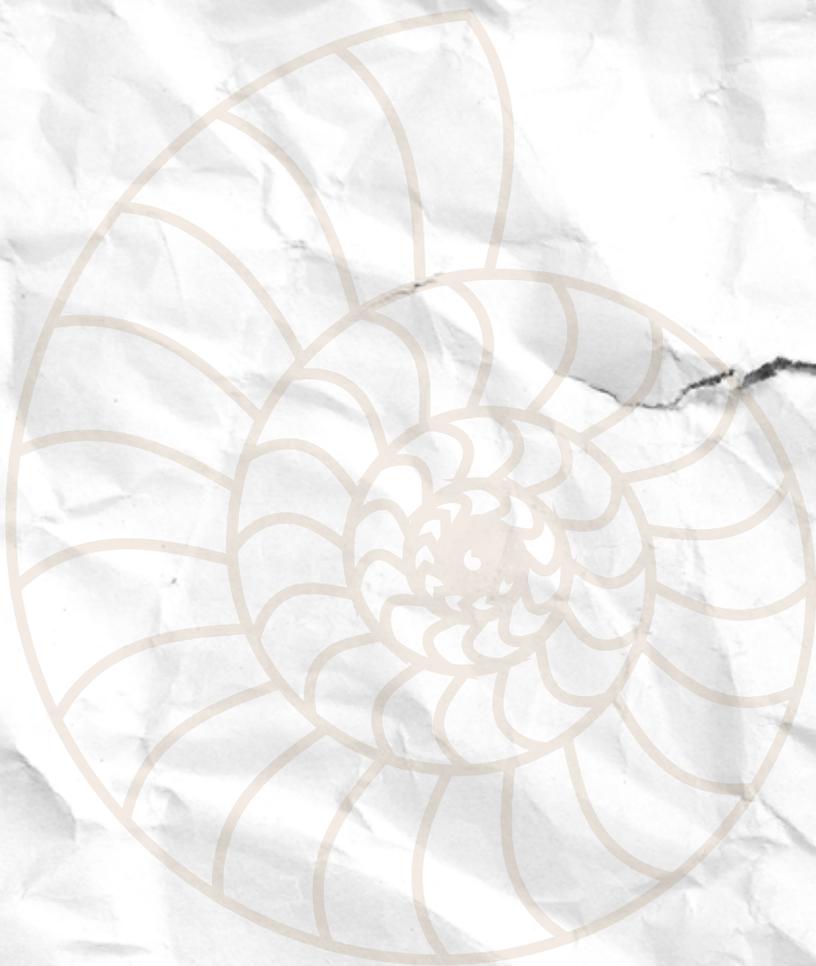
Percorremos esse caminho buscando ser fiéis à convocação de botar os pés no chão das ruas, marquises e viadutos, olhar nos olhos, humanizar a vida, beber da **Fonte** que se faz água viva na jornada.

Que a Paixão nos mobilize, nos comprometa e nos faça caminhar em busca do bem viver e conviver, diminuindo as distâncias humanas, sociais e econômicas, atualizando a prática transformadora da Pastoral do Povo da Rua.

Que a **arte do encontro** e a **escuta com o coração** mobilizem a **vida para que sejamos um!**

Nota

<sup>1</sup> CARPANEDO, Penha. *Ofício Divino das Comunidades*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2018, p. 98.



Endereço: Rua Luiz Chagas Carvalho, 40 - Bairro Dona Clara  
Belo Horizonte - MG - CEP: 31260-200

Telefone: (31) 2510-5706

E-mail: [pastoralderuanacional@gmail.com](mailto:pastoralderuanacional@gmail.com)

Facebook: [@pastoralnacionaldopovodarua](https://www.facebook.com/pastoralnacionaldopovodarua)

Instagram: [@pastoralnacionaldopovodarua](https://www.instagram.com/pastoralnacionaldopovodarua)